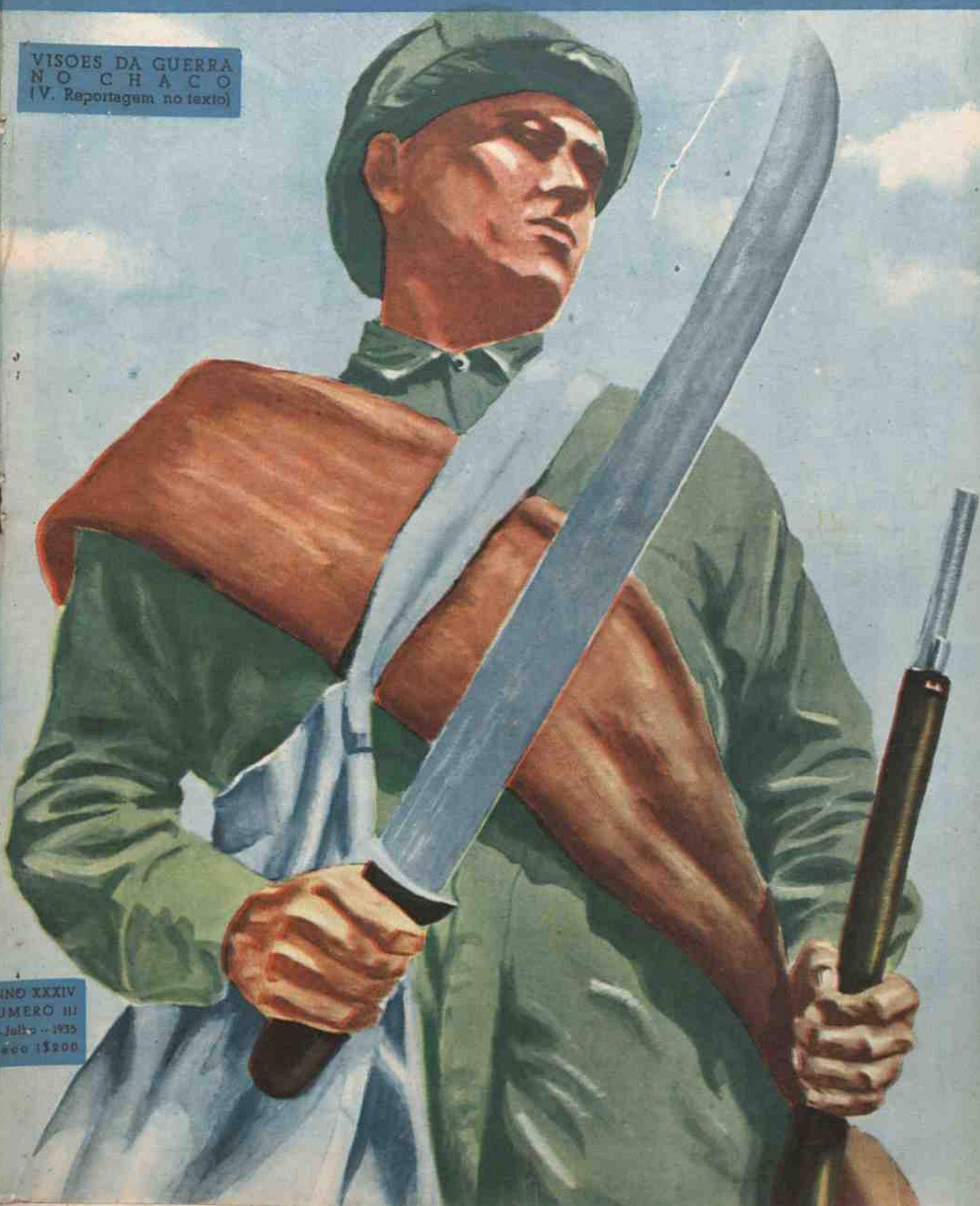
O MALHO

VISÕES DA GUERRA
NO CHACO
(V. Reportagem no texto)
NNO XXXIV
UMERO 111
-Julho -- 1935
eço 1$200

AO BEM ESTAR

Entre os premios distribuidos pelo "O MALHO" no seu monumental concurso ALBUM DE ARTE, figura um confortavel grupo para sala, confeccionado em imbuia, forrado de finissimo reps, com assentos e encostos "soufflé", adquirido na importante casa de moveis "AO BEM ESTAR".

Essa casa, que tem suas installações á rua do Cattete 77, 79, é uma das mais bem apparelhadas fabricas de mobiliario elegante que o Rio possue. O grupo que foi adquirido para o concurso ALBUM DE ARTE, e que está exposto á vitrine da procuradissima casa, é bem uma amostra do esmero com que seus technicos confeccionam todos os moveis que de lá sahem para as residencias elegantes da cidade.

Dotada de pessoal competente, a fabrica "AO BEM ESTAR" prima em lançar no mercado moveis que são bem estar verdadeiro, escolhendo material de primeira qualidade para seus trabalhos, e realizando todos os esforços no sentido de adoptar sempre a melhor *linha*, adequada não só aos estylos mais modernos de ornamentação como ás exigencias dos fins a que se destinam.

O MALHO
Propriedade da S. A. O MALHO
Director: Antonio A. de Souza e Silva
Assignaturas: Annual. . . . . . 60$000 / Semestral. . . . . 30$000
Redacção e administração
TRAVESSA DO OUVIDOR, 34
Teleph.: 23 4422 / 22-8073 CAIXA POSTAL 880
RIO DE JANEIRO

O PROXIMO NUMERO D'O MALHO

ENTRE OUTROS ASSUMPTOS DA PROXIMA EDIÇÃO DESTACAMOS:

A SAÚDE DA RAÇA
Chronica de Flexa Ribeiro. Illustração de Cortez.

A VÓZ DA NOITE
Conto de Benjamim Costallat. Illustração de Fragusto.

VINGANÇA
Conto de Leonor Posada. Illustração de Paulo Amaral.

O MEZ DA BASTILHA
Chronica de Leoncio Correia. Illustração de Fragusto.

VIGILIA
Poesia de Luis Peixoto. Illustração de Théo.

MARCONI
Chronica de De Mattos Pinto.
Illustrações diversas.

LUZ ENGARRAFADA
Chronica de Berilo Neves. Illustração de Théo.

SECÇÕES DO COSTUME

SENHORA
Supplemento feminino com a orientação de Sorcière.

DE CINEMA
Por Mario Nunes

BROADCASTING EM REVISTA
Por Oswaldo Santiago

Nem todos sabem que. . . — Carta enigmatica e palavras cruzadas — De tudo um pouco e Caixa d'O MALHO.

ALBUM DE ARTE

O coupon que hoje publicamos é o n. 7, correspondente á trichromia "Leitura interessante", de Carlos Chambelland.

Conhecido que está, dos nossos leitores, o mechanismo deste grandioso concurso, sem precedentes no Brasil, e que tem despertado um interesse animador, não queremos passar sem chamar a attenção para a qualidade de alguns dos premios dentre os 100 escolhidos para o grande sorteio, por serem premios de relevante utilidade para as senhoras.

E' assim que destacamos o 6º premio — uma machina de costura "Singer" — Moderna, com 3 gavetas, para coser e bordar. Funccionamento suave, silenciosa, costura tanto para frente como para traz, adquirido na "Singer" Sewing Machine Co. rua do Ouvidor, 63; o 14º premio, que é um bonito e vistoso apparelho de porcellana para chá e café com 41 peças, premio que foi escolhido no variado sortimento da Casa Vianna, á rua 7 de Setembro n. 66/68, onde se acha em exposição; o 2º premio, constituido de uma geladeira Crosley-Modelo F. A. 40. Commodidade — Economia — Belleza.

6º *premio*

Este premio foi adquirido na Casa Stephen — Representantes das Geladeiras Crosley — Rua São José, 117 — Rio, onde pode ser vista; o 10º premio, que se compõe de rico estojo de Perfumarias de afamado e conhecido fabricante. Caixa de luxo em finissimo marroquim, fofos de setim e bonito fecho.

10º *premio*

Adquirido na Casa Cirio, rua do Ouvidor, 183, onde póde ser visto, e diversos outros que são verdadeiros presentes regios. Um pouco de perseverança, a paciencia necessaria para ir cortando e collando no mappa os coupons numerados e terá a leitora de O MALHO a bella opportunidade de tentar a sorte para a posse de qualquer desses tentadores objectos ou de qualquer dos outros que compõem a centena magnifica.

"Album de arte"
d'O MALHO
Carta Patente nº. 108

Coupon n. 7

IMPORTANTE!

Em vista da grande procura que tiveram os Exemplares de O MALHO que trouxeram o 1º e o 2º coupon, do que resultou esgotarem-se essas edições, resolvemos, afim de não ficarem prejudicados os nossos leitores, mandar imprimir esses dois coupons em separado, bem como as trichromias correspondentes, e forneceremos GRATIS a quem nos solicitar, á Travessa do Ouvidor, 34, estando tambem habilitados a attender a esses pedidos os nossos agentes do interior.

ARTE DE BORDAR

RISCOS PARA BORDAR E ARTES APPLICADAS

APPARECE NOS DIAS 15 DE CADA MEZ

ARTE DE BORDAR é uma revista mensal de riscos para bordar e artes applicadas. Contém 28 paginas de grande formato e grande supplemento que vem solto dentro da revista com os mais encantadores e suggestivos riscos para bordados em tamanho de execução. ARTE DE BORDAR contém riscos para: Sombrinhas. Almofadas. Stores. Kimonos. Monogrammas. Pyjamas. Guarnições e Toalhas para altar. Guarnições para "lingerie". Roupas Brancas. Roupas para creanças. Guarnições para cama e mesa. TRABALHOS: Em "Chrochet". Rafia. Lã. Pellica. Panno couro. Feltro. Estanho. Pinturas. Flores. etc.

A' VENDA NAS LIVRARIAS E VENDEDORES DE JORNAES DO BRASIL. PREÇO 2$000

Assignaturas sob registro: 6 mezes 16$ - 12 mezes 30$

Redacção e administ.: TRAV. DO OUVIDOR. 34 - Rio de Janeiro

PONTO DE CRUZ

(ALBUM II)

No segundo album contendo lindos motivos de Ponto de Cruz, editado pela Bibliotheca de ARTE DE BORDAR, apresentamos encantadores motivos, para Almofadas, Toalhas de Chá, Guardanapos, Centros de mesa, Cortinas, Pyjamas, etc. Tudo isso em estylos, Syrio, Russo, Grego, Caucasio, Turco, Italiano, Renaissance, Marajó e Barroco.

160 MOTIVOS DIFFERENTES EM 24 PAGINAS.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS. PREÇO EM TODO O BRASIL 3$000. — PEDIDOS Á REDACÇÃO DE ARTE DE BORDAR. TRAV. DO OUVIDOR, 34-RIO

O ENXOVAL DO BÉBÉ

(UMA EDIÇÃO DE "ARTE DE BORDAR")

O mais gracioso e original enxoval para recemnascido, executa-se com este Album. ■ 40 PAGINAS COM 100 MOTIVOS ENCANTADORES para executar e ornamentar as diversas peças acompanhadas das mais claras explicações, suggestões e conselhos especialmente para as jovens mães. Em um grande supplemento encontram-se, além de lindissimo risco para colcha de berço e um de édredon. 12 MOLDES EM TAMANHO DE EXECUÇÃO para confeccionar roupinhas de creança desde recemnascida até a edade de 5 annos.

● ● ● "O ENXOVAL DO BÉBÉ" É UMA PRECIOSIDADE.

A' venda nas livrarias. Pedidos á Redacção de ARTE DE BORDAR - TRAVESSA DO OUVIDOR, 34 Rio de Janeiro ● Caixa Postal, 880 ● Preço 6$000

ALBUM PARA NOIVAS

Contendo a mais moderna e completa collecção de artisticos motivos para execução de primorosos enxovaes de noiva. ■ Lindos modelos de lingerie fina, pyjamas, liseuses, peignoirs, kimonos, camisas de dormir, combinações, etc., e lindos desenhos para lençóes, toalhas de mesa, guarnições de chá, tapetes, cortinas, stores, tudo em tamanho de execução.

● ● O album vem acompanhado de um duplo supplemento contendo um incomparavel desenho de ● ●

UMA COLCHA PARA CASAL

EM TAMANHO DE EXECUÇÃO E

TODOS OS MOLDES AO NATURAL DE TODAS AS PEÇAS DE LINGERIE FINA

PEDIDOS A BIBLIOTHECA DE "ARTE DE BORDAR" - TRAVESSA DO OUVIDOR, 34 - CAIXA POSTAL, 880 - RIO - PREÇO 6$000

FILET

UM LUXUOSO ALBUM EDITADO PELA BIBLIOTHECA DE "ARTE DE BORDAR"

O melhor presente para as senhoras, o mais bello thesouro de arte em "filet". ● 150 motivos, em diversos estylos, que tambem poderão ser executados em "Chrochet" e Ponto de Cruz. ● A mais variada collecção de trabalhos de "filet" até hoje editada.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS. ■ PREÇO EM TODO O BRASIL — 5$000 ◆ PEDIDOS Á REDACÇÃO DE ARTE DE BORDAR TRAV. DO OUVIDOR, 34-RIO

Meu Livro de Historias

Está de parabens o mundo das creanças com um acontecimento sensacional. Esse acontecimento é a publicação de um livro, verdadeira maravilha, todo illustrado, todo colorido, acondicionado em primorosa caixa de fantasia, constituindo o mais bello presente para as creanças. Esse livro, que será o encanto de todos os pequeninos, chama-se

MEU LIVRO DE HISTORIAS

Nelle figuram contos patrioticos, contos de fadas, contos historicos, lendas religiosas que encherão de alegria os corações juvenis. MEU LIVRO DE HISTORIAS será o mais bello serão das noites no lar.

MEU LIVRO DE HISTORIAS

que é edição da Bibliotheca Infantil d'O TICO-TICO - TRAVESSA DO OUVIDOR, 34 - RIO DE JANEIRO, está á venda, pelo preço de 20$000, em todo o Brasil.

PARA RECREIO E CULTURA DAS CREANÇAS

A Bibliotheca Infantil d'O TICO-TICO teve a louvavel iniciativa de publicar uma série de doze encantadores livros para leitura e cultura das creanças, nos quaes estão reunidos um mundo de historias, de contos, de lições de grande proveito para as creanças. Cada um desses livros, á venda em todo o Brasil pelo preço de 5$000 o exemplar, é uma fonte de ensinamentos preciosos para os infantes.

PANDARÉCO, PARACHOQUE E VIRALATA, de MAX YANTOK. ● HISTORIAS DE PAE JOÃO, de OSWALDO ORICO. ● PAPAE, de JORACY CAMARGO. ● VÔVÔ D'O TICO-TICO, de CARLOS MANHÃES.

LIVROS E REVISTAS

A CAMINHO DA FELICIDADE

A Empresa Editora Brasileira tomou a iniciativa de publicar em traducção portugueza de Haydée N. Isac Lima, o romance "A Caminho da Felicidade", de De La Grange.

E' uma novella bem escripta, com um enredo de muito interesse, passado em Roma, ao tempo da perseguição dos Christãos. Alem do interesse natural despertado pela urdidura de uma intriga muito bem explorada, esse romance apresenta aos seus leitores flagrantes vivos daquella época historica, singularmente fascinante para a Humanidade.

❖

OS INDIGENAS DO NORDESTE

Mais uma obra da Serie "Brasiliana" da Bibliotheca Pedagogica Brasileira, que vem sendo editada pela Companhia Editora Nacional.

"Os Indigenas do Nordeste" é um trabalho meticuloso e honesto sobre a vida social dos nossos indigenas daquella parte do territorio nacional.

O Sr. Estevão Pinto, que o escreveu, revela uma cultura notavel, probidade scientifica e grandes qualidades de observação.

Isso dá ao livro o caracter de uma informação consciênciosa, muito estimavel neste momento em que se procura conhecer os habitos sociaes, dados anthropologicos, cultura e capacidade de assimilação dos povos que entraram em nossa formação ethnica.

❖

SUBLIME SACRIFICIO

Um romance de Florence Girardin, traduzido por Lygia Estrada. Romance para moça. Leitura agradavel, despretenciosa, cujo merito maior reside no enredo.

Os amantes dessa especie de novellas encontrarão neste volume um prato saboroso. O enredo está disposto de maneira a aguçar o interesse do leitor, desde as primeiras paginas, mantendo-o sempre vivo até o desenlace da intriga.

A Empresa Editora Brasileira que lançou essa novella no mercado, tem o seu exito garantido de antemão.

❖

ELITE

Por intermedio do Consulado da Venezuela, recebemos um interessante numero da revista "Elite", que se edita em Caracas. E' um *magazine* literario vivo, movimentado, feito com senso de arte e de maneira a agradar a toda classe de leitores. Uma revista em condições de honrar a imprensa de qualquer paiz.

❖

EL "UTI-POSSIDETIS JURIS" DE 1810

Pizarro Loureiro, escriptor e jornalista brasileiro, que estudou com particular attenção o momentoso problema de direito internacional do Chaco Boreal e outras questões de profundo interesse americano, acaba de publicar uma pequena brochura com o titulo acima. E' um estudo meticuloso e honesto, cheio de observações judiciosas e transcendentes que merece a attenção de todos os americanistas.

❖

FESTA

Uma bonita revista, com um corpo de collaboradores de *élite*, apresentando ineditos de nomes famosos em nossa literatura contemporanea. Eis o que é "Festa", revista moderna, feita com carinho e com arte. Elegante, bem lançada, ella offerece aos seus leitores collaboração de diversos generos literarios, assignadas por escriptores e poetas do Brasil e do exterior.

❖

O CORREIO AERO-MILITAR

O Sr. Luiz Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque fez, ha tempos, uma conferencia sobre a Aviação Militar Brasileira, no Club de Engenharia do Rio de Janeiro, focalizando em particular as actividades, o merito e as realizações do nosso correio aero militar.

Agora, o conferencista enfeixou o seu trabalho num folheto, visando-lhe dar maior divulgação á sua exposição.

Broadcasting

Paulo Barbosa, autor de "João, João, João".

OS BALÕES NÃO SUBIRAM...

As musicas sanjuanescas, ha dois annos passados, deram resultado satisfatorio do ponto de vista do successo de popularidade e vendagem.

No anno seguinte, como consequencia do agrado das marchas "Chegou a hora da fogueira" e "Cáe, cáe, balão", as unicas que então appareceram, surgiu uma verdadeira avalanche de composições louvando o S. João, que, diga-se de passagem, é um santo bem pouco festejado aqui no Rio...

No norte e nos Estados, sim, o seu prestigio é immenso.

Os cariocas festejam-no, porém, somente com bailes a caracter, nos grandes clubs elegantes, com a sua aristocracia vestida á moda dos caipiras.

Quanto a festejos populares, alguns balões cortam os ares, apesar da perseguição da policia, que, este anno, esteve mais encarniçada no combate a esses activos agentes de incendios, não sendo de admirar que, de futuro, ella se sirva de aviões para tascar os balões no ar...

O São João é, pois, uma festa de roça, bem pouco adaptavel ás realidades de uma metropole como a nossa.

Assim, o fracasso de quasi todas as musicas lançadas para essa época encontra justificativa no argumento acima e tambem na pequenez do assumpto, limitado a imagens corriqueiras como *fogueira do coração, balões de illusão*, etc., etc.

Basta dizer que as duas marchas que mais agradaram, agora, e que foram "Sonho de papel", de Alberto Ribeiro, creação de Carmem Miranda, e "João, João, João", de Paulo Barbosa, creação de Manoel Monteiro, alcançaram uma vendagem irrisoria de cerca de 700 exemplares.

"Onde está seu carneirinho", de Custodio Mesquita, creação de Aurora Miranda, apesar de estar incluido no film "Estudantes" e em revistas de theatro, fortemente trabalhada pelo autor, não chegou a quinhentos.

Seguem-se com pouco mais de trezentos as marchas "Santo Antonio, S. Pedro e São João", de H. Martins e Alcebiades Barcellos, creação de Aracy de Almeida; "O meu sonho foi balão", de Hervê Cordovil e Alberto Ribeiro; "Balãozinho multicôr", de Paulo Barbosa e Luiz Lamego; e "Pedindo a São João", de H. Martins, creação de Aracy de Almeida.

Francisco Alves não cantou victoria com "Mais um balão" de Assis Valente; "Olhando o Céo todo estrellado", do mesmo autor; "Sobe meu balão", de Ary Barroso; e "Meu São João", de Nassara e Orestes Barbosa.

Nem Almirante com a toada "Foguinhos", de sua autoria e de Chico Catolé, ou com a marcha "Santo Antonio, São João", de Joaquim Maia e Othon Dias.

Mario Reis não fez o que se esperava com "Roda de fogo", samba-rumba de Lamartine Babo e Alcyr Pires Vermelho, nem com "Pistolões", marcha de Lamartine Babo, que ficou meio desorientado com o desinteresse do publico pelas suas producções...

Foi este, mais ou menos, o movimento das musicas sanjuanescas de 1935, relativos á vendagem de partituras, que é um reflexo, quasi sempre, da vendagem de discos.

Para o anno, possivelmente, as fabricas gravadoras e as casas editoras alliar-se-ão á policia na perseguição aos balões, não os deixando subir...

O. S.

Custodio Mesquita, autor de "Onde está seu carneirinho?".

Hervê Cordovil, autor de "O meu sonho foi balão".

Assis Valente, autor de "Mais um balão"

Alcyr Pires Vermelho, autor de "Roda de fogo".

Gesy Barbosa

ESTRELLA DE IPANEMA

Na onda da "Radio Ipanema" e na praia de Ipanema ou Copacabana, visivel nesta e invisivel naquella, Gesy Barbosa alcança, sempre um successo integral. Ella não é uma simples cantora de radio: é uma moça moderna, que escreve contos, que sabe entrar e sahir de uma casa de chá, que lê romances de Dekobra e medita sobre o socialismo, o communismo e o integralismo, tirando conclusões a seu modo... De qualquer forma, pensando ou cantando, Gesy Barbosa é uma affirmação de intelligencia, no meio das negações do nosso ambiente artistico.

Santos, 15 de Junho de 1935 — Meu caro Redactor. — Sempre com grande interesse tenho lido a sua secção "Broadcasting" e hoje não posso me furtar ao desejo de externar um pouco do meu pensar, ao ler a interessante carta assignada Peréreca.

Tem carradas de razão o nosso amigo Peréreca! Quão fastidiosas se tornam as nossas emissoras, irradiando diariamente os mesmos sambas e marchinhas! Já tive occasião de ligar para uma estação local e ouvir o celebre "Ladrãosinho" da Aurora Miranda. Virando para outra estação de S. Paulo encontra-me o mesmo "Ladrãosinho"! Liguei para a Radio Cultura de Poços de Caldas e por coincidencia lá vem o "Ladrãosinho"!

Sendo *roubado* já por tres vezes resolvi ligar para L. R. 5 de Buenos Aires deleitando-me então com um magnifico programma de orchestra. O nosso Peréréra, no final da sua carta, faz votos para que a novel Radio Ipanema nos dê qualquer cousa de mais artistico, mas... que desillusão deve sentir! Salvo o dia da inauguração, cujo programma foi magnifico, com artistas e orchestra de real valor, hoje...

Já escutou o meu caro Redactor, entre outras cousas, o trio "Milonguita" da Ipanema? Que lastima!...

Será que os dirigentes de nossas emissoras pensam que irradiam exclusivamente para os ouvintes das cidades onde estão installadas as suas estações? Devem pensar que os outros Estados e mesmo o estrangeiro tambem as escutam, e que triste figura fazemos! E os nossos locutores! Nem falemos, pois a maioria além da má dicção possuem vozes bem desagradaveis. Os annuncios são despidos de interesse, monotonos, longos demais, e infelizmente agora as broadcastings tanto paulistas como cariocas parecem viver exclusivamente das casas de jogo! A rrrrr... oda da sorrrr... te! Mil contos, 500 contos, etc.... ali, no Banco Loterico... Fasanello, etc., etc. Os estrangeiros que ouvem nossas estações, se comprehendem o portuguez, devem pensar com os seus botões: "os brasileiros possuem uma grande industria, o jogo"! Emfim, como os nossos costumes estão se regenerando... Do amigo e admirador — *Sambaqui.*

RADIO CARICATURA POR JOCAL

Neiva Gomes

Estrellas do nosso radio que tomaram parte na festa de "P. R.". São ellas, da esquerda para a direita: — Marilia Baptista, Glorinha Caldas, Maria Amorim, Carmem Miranda, Heloisa Helena, Silvinha Mello e Aurora Miranda.

FESTA DE «P. R.»

Foi, não ha duvida, uma eloquente demonstração de prestigio, a festa que a revista radiophonica "P. R." levou a effeito, a 5 do corrente, no salão do "Instituto Nacional de Musica".

O nosso confrade Zolachio Diniz, seu director, deve estar contente com o exito artistico e social que coroou a sua iniciativa, conseguindo reunir os mais lidimos expoentes do broadcasting nacional.

Na festa de "P. R." tomaram parte Carmem Miranda e Francisco Alves, que foram homenageados especialmente como primeiras figuras das naipes feminino e masculino do nosso radio.

Os numeros destes, como sempre, agradaram o publico.

Mas as honras da noite pertenceram a Barbosa Junior, na parte humoristica; Muraro, nas suas acrobacias ao teclado; Silvinha Mello, em canções estylisadas; Maria Amorim e Mario de Azevedo, em "Vozes da Primavera", de Strauss; o "Bando da Lua" nos seus numeros optimos e modernos; Chiquinha Jacobino em musicas de camera; o duo "Black and white" em canções regionaes americanas; e Noel Rosa, em sambas.

Aurora Miranda não despertou o mesmo enthusiasmo, cantando composições de Custodio Mesquita, que sempre desperta atravez do microphone.

Heloisa Helena, Roberto Galeno, Antonio Moreira da Silva, os Irmãos Tapajoz, o Conjunto Anjos do Inferno, Marilia Baptista, Jorge Murad, Joel Soares, Yole Rhodes, Nônô, Manoel Araujo, obtiveram applausos expressivos.

Glorinha Caldas impressionou bem no primeiro numero, mas desalinhou-se no segundo, excedendo-se em piruetas e saracoteios de actriz de revista do "Theatro Recreio".

Manoel Monteiro retirou-se, imprevistamente do palco, deixando Mario Cabral ao piano, fazendo um sólo...

Lola Silva, filha do reclamista "Polar", levou uma claque suburbana, que gritava pelo seu nome em occasiões inopportunas, como se o seu merito dependesse desses processos de propaganda...

Barbosa Junior prejudicou dois numeros do "Bando da Lua" intervindo nelles com graças desnecessarias.

Custodio Mesquita, rouco antes do successo de Silvinha Mello, executou um solo de piano que dois ou tres assobios ameaçaram desafinar...

Os autores, a não ser os que estavam presentes ou quando as composições eram dos proprios interpretes, não mereceram as honras da citação. Velho costume dos nossos mal educados cantores de radio.

Lamartine Babo esteve numa das suas mais fracas apresentações; comtudo, o publico ria com elle, se bem que não fosse, segundo pensamos, das suas piadas...

Afora esses pequenos senões, communs a todas as reuniões do genero, a festa de "P. R." transcorreu animada e brilhante, sendo justo que enviemos ao seu director, Zolachio Diniz, os mais effusivos parabens pelo seu exito e pelo exito da casaca com que elle compareceu, alinhadissimo, á sua "Noite cheia de Estrellas"...

BREQUES

— E' verdade que se cogita de fundar uma escola para artistas de radio?

— Sim. E de primeiras letras. E', pelo menos, a de que elles mais precisam...

—o—

Numa reunião em casa de familia, depois de um numero de canto, um dos presentes felicita o cantor, dizendo:

— Eu gosto de vozes como a sua. Voz delicada, suave, voz para a gente ouvir de perto, numa sala. Não supporto certos vozeirões que a gente ouve no radio, como esses taes de Moacyr Bueno Rocha, Boby Lazzy, Luiz Barbosa...

— Mas, perdão! — interrompe o cantor — Eu sou Luiz Barbosa...

RADIOLETES

— A "Radio Transmissora Brasileira" pretende inaugurar sua estação na data de 7 de Setembro, sendo o Sr. Getulio Vargas o primeiro a falar pelo seu microphone. Um speaker do outro mundo, como se vê...

—o—

— Agora, os "boateiros do radio" estão dizendo que uma das nossas estações contractou Conchita Montenegro para cantar no seu microphone, quando essa estrella do cinema vier casar-se aqui no Rio, com o astro patricio Raul Roulien.

—o—

— Dizem que Cesar Ladeira vae seguir a carreira diplomatica. Dizem que elle ficou noivo na Argentina. Dizem que vae ficar noivo no Brasil. Quando é que deixam o Ladeira em paz?

O ULTIMO JANTAR DE OSCAR WILDE

Trecho das Memorias de Cécile Sorel

"Eu o vi apenas uma vez. Foi, certa tarde, numa luxuosa vivenda de Paris. Rodeavam-no innumeros admiradores fanaticos. Dias depois, fechava os olhos, num miseravel quarto de hotel, esquecido de todos e da propria gloria...

Uns americanos haviam-me dito que Wilde desejava conhecer-me. Eu acceitei um convite para ir jantar a casa delle, afim de ser apresentada ao famoso escriptor.

Wilde era um homem alto e gordo. Tinha os olhos vitreos, os labios cahidos, as faces inflados e flacidas. Não estava bem vestido. Nem parecia aquelle elegante que enthusiasmara Londres com as suas orchidéas á lapella e seus anneis preciosos. Dava ares de estar completamente indifferente ás coisas. Não tocava nos pratos, que lhe offereciam, nem provava dos vinhos, collocados deante delle, e o peor era ouvil-o rebuscando palavras.

Resolveu-se a falar-me, num momento de lucidez.

— Lamento — disse — que me encontre neste triste estado! Tempos atraz, eu era um brilhante *causeur*; o silencio matou-me: perdi o dom da fala... Na minha prisão, o cerebro não cessava de trabalhar, e agia até com maior violencia, justamente porque estava condemnado á mudez. Lutei contra a loucura, como um soldado contra um exercito. E não eram um batalhão os meus pensamentos em revolta? Batia com a cabeça na parede, afim de quebrar o silencio que me aterrava, e na esperança de que esse embate faria brotar idéas rasoaveis. Soffri tanto, Mlle. Sorel, que, ao virem buscar-me para os duros trabalhos do campo, as dores physicas, que eu supportava calado, me consolavam...

Naquella mó que girava, obrigando-me a marchar, o cansaço prostrava-me no chão, mas as chicotadas, quando zebravam o meu corpo de estigmas, afastavam tambem a minha tristeza. Pensavam acabar-me: salvaram-me!...

Eu gritava, gritava... Toda a ignominia toda a macula se consumiram em gritos de tortura, e a sua crueldade fazia-me feliz... Eu expirava... expirava...

E Wilde concluiu assim, parecendo que tentava subtrahir-se á loucura:

— Expiei por toda a Humanidade.

BODAS DE PRATA

O casal Antonio Tiburcio Machado — Etelvina Moniz Vasconcellos Machado, que commemorou, no dia 2 do corrente, as suas bodas de prata. Antonio Tiburcio Machado é photographo d'"O Malho" e cinematographista.

Enlace Zilda Tramontano — Leonidas de Mello, da sociedade carioca.

Photo Rembrandt

Dois aspectos da inauguração das novas installações da Photo Rembrandt, á Avenida Rio Branco 127 — 1.º andar, com a presença de artistas, jornalistas e pessoas da sociedade. Ao lado, a sala de espera da "Photo Rembrandt", frequentada pela alta sociedade carioca e que tantas vezes tem emprestado a sua preciosa collaboração á ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA.

REPRESENTAÇÃO CLASSISTA

O "Syndicato dos Lojistas do Rio de Janeiro" realizou a eleição do seu Delegado-eleitor para o pleito classista que se annuncia, e que tem por fim completar a representação na Camara Municipal. Foi escolhido o seu vice-presidente Sr. José de Freitas Bastos, figura de alto destaque no commercio da cidade, que se vê na photographia acima quando, já eleito, dirigia a palavra aos membros daquelle Syndicato.

EM VISITA AS NOSSAS OFFICINAS

O Dr. Barros Barreto, illustre Secretario de Estado da Saude Publica e Educação da Bahia, ladeado pelos nossos companheiros Dr. Carlos Spinola e Carlos Manhães, quando da sua visita, a semana passada, ás nossas officinas graphicas.

„DIGESTIVOS"
MUITO RICOS EM VITAMINAS, POR SEREM FABRICADOS
COM FARINHA INTEGRAL, E DE FACIL DIGESTÃO, CONSTI-
TUEM ESTES BISCOITOS UM EXCELLENTE ALIMENTO DE
GRANDE PODER NUTRITIVO PARA AS CRIANÇAS. TAM-
BEM INDICADOS PARA PESSÔAS DYSPEPTICAS
BISCOITOS DIGESTIVO AYMORÉ
BISCOITOS AYMORÉ
B.35-23
MARCA REGISTRADA

MORTE DAS MEIAS... E MEIOS DE VIDA

GOULART DE ANDRADE

A sandalia actual, com o seu tacão demasiado alto, o seu talão ainda forte, é verdade, mas bastante entreaberto, mostrando, quasi, a linha do calcaneo, mal occultos os dedos, e deixando a descoberto o peito do pé, por onde apenas passa a correia de supporte ligada ao aro que cinge o tornozello — a sandalia actual trará por ventura a abolição total das meias?

Responderia eu affirmativamente, se tantos annos no uso dos sapatos, affeiçoados em cabedal rijo, não tivessem contrafeito os pés femininos, enchendo-os de callosidades, entortando-lhes as phalanges e encravando-lhes cruelmente as unhas. Porque é bom se saiba que as meias não surgiram propriamente como agasalho, nem como adorno, mas simplesmente como disfarce ás deformidades. Tanto assim que foi homem e não mulher quem primeiro as exhibiu, não sendo mesmo prova de argucia a asseveração de que Henrique II, quando appareceu pela primeira vez com ellas, nas cerimonias dos esponsaes de Margarida, sua irmã, com o duque de Saboia, não seria senão para esconder a feiura das pernas, cabelludas e desgraciosas, indubitavelmente. Pena é que William Lee, inventor do ponto de malha, que permittiu a manufactura das peugas, não tivesse revelado quanto recebeu do altivo monarcha pela sua delicada invenção, que dahi por diante o iria furtar ao vexame dos commentos zombeteiros das altas donas da côrte e da bisbilhotice motejante das açafatas e cuvilheiras. Não no disse, é verdade — porém, a sua industria não teria prosperado tão rapidamente se não fôra o bafejo da regia munificencia...

Todavia, se o invento do engenhoso inglez, aperfeiçoado depois por João Hindret, a mando de Colbert, trouxe desafogo, e fez as delicias da "metade feia" da especie, deveria ter provocado, a principio, desapontamento a outra parte, pela alta razão de que com as meias desappareceram os adornos, os grilhões de ouro, as axorcas lavradas dos pendentes tilintantes, que arreiavam as pernas claras e nuas. Certo, póde transformar-se a liga numa joia de raro lavor. Eduardo III della já fez até insignia duma ordem equestre, qual é a Jarreteira, em memoria daquella fita azul que (ainda quente...) apanhou á orla da saia da linda condessa de Salisbury. Ficando, entanto, o jarrete algo acima da fimbria dos vestidos modernos, a muito poucos será dada a dita de apreciar os primores de lavranteria, que as senhoras usarem, embora, com desembaraço notavel, cruzem e recruzem as pernas nos bondes e omnibus, segundo costumam... E' portanto a meia de invenção recente, pois data do seculo XVI; se é supportavel como complemento aos sapatos da moda vigente, e serve para velar a fealdade dos pés deformados, seria de inegavel ridiculez, caso a trouxessem as mulheres orientaes com os seus pantufos broslados ou as suas babuches de brocatel. Porque esses calçados, afinal, não permittem senão a perna desnuda.

Se tornarmos ao tempo da crepida — e as abarcas para banhos de mar já nos vão levando a isso, mostra-o o millionarismo da elegancia em Copacabana — não ha como evitar a morte da meia, que, se resiste, é por causa da novidade e belleza dos tecidos, dia a dia modificados. Hoje, de malha unida, para que a luz risque dois reflexos sobre a seda. Amanhã, de trama escassa, afim de que o rosado natural da tez se matize de outros tons. Depois, em urdidura rendada, lantejoulada ou laminada, para attrahir pelo brilho os olhares distrahidos...

E' ainda da Inglaterra que nos chega uma invenção para essa parte da nossa indumentaria: a polychromia do padrão escocez, com os seus losangos de tons vivos e arlequinescos. A novidade que se presta de facto a varias combinações curiosas galvanizará por algum tempo além o uso da meia; mas, se o modelo da cáliga se impuzer, as duas fitas, que sahiram dos talões, hão de se cruzar como serpentes sobre a nudez da perna, e chegaremos então a uma formosa usança — formosa e hygienica... Porque essas tiras que abraçam o artelho subindo em espiral até ao jarrete permittem maravilhosos lavores á arte ornamental desde o bordado mais paciente e gracioso até á montagem das pedrarias nas combinações mais surprehendentes. E ninguem irá prender um tirante de esmeraldas ou rubis por cima de meias, senão sobre a pelle mais sedosa que a propria seda... Ha quem assegure que as damas de Pompeia costumavam pintar as pernas, trabalho que lhes devia merecer os maximos cuidados, e exigiria tintura especialissima, cujo segredo se perdeu. E, quando me refiro á tinta adequada, é pelo temor de que, receiando borrar a pintura, as bellezas pompeanas ficassem por muitos dias esquivas ás abluções...

Que phantasias deliciosas não engendrariam os artistas, caso pudessem produzir obras no genero, isentos de perturbações, completamente abstrahidos da "tela" que estariam a ornamentar! Ao mesmo passo, tambem, se a moda pegasse, quanta gente respeitavel se veria a mudar de profissão!...

Emquanto assim escrevo, e outros vão lendo, ninguem deixará de estar lembrando certos nomes illustres, veneraveis, que abandonariam immediatamente a politica, a magistratura, a clinica e a litteratura pelas vantagens do novo officio...

SAINT-HILAIRE E FIRMIANO

Por Leonam de Azeredo Penna

Augusto de Saint Hilaire

Diremos primeiro quem foi Firmiano, pois que não é licito suppor haja alguem ignorante da existencia do primeiro, cujo busto em bronze vae ser inaugurado a 25 do corrente na aléa pricipal do Jardim Botanico do Rio de Janeiro, em dupla homenagem, ao sabio e ao "Museum de Histoire Naturelle" (Jardim de Plantas) de Paris, que commemora nesse dia o seu tricentenario. Mas, voltemos a Firmiano. Era elle um indiozinho da tribu dos Botaocudos, trazido por Saint-Hilaire de uma excursão que fez ás margens do Rio Jequitinhonha.

Póde ser considerado pedra de toque do temperamento bondoso do sabio botanico.

Desde o motivo que levou o autor da celebrada phrase "o Brasil mata a formiga, ou a formiga mata o Brasil", (no momento lemma de patriotica campanha do nosso Ministeria da Agricultura), a tomar para si o pequeno botocudo, tem-se opportunidade para apreciar, perfunctoriamente que seja, o caracter do sabio amigo do Brasil.

Saint-Hilaire quiz ter em sua companhia uma criança porque seu temperamento affectivo exigia a presença de alguem capaz de sorrir para elle, pois vivendo entre gente rude não usufruia, pelos agrestes sertões brasileiros, a minima parcella do carinho a que sua indole delicada estava acostumada.

Todas as suas obras a respeito de viagens que emprehendeu em nosso paiz estão cheias de referencias á falta que lhe faziam sua mãe, sua irmã e seu sobrinho. Apesar de sua idade madura Saint-Hilaire demonstrava um sentimentalismo de criança e uma doçura dalma incommum em pessoa acostumada á vida aspera das longas caminhadas sertanejas.

Tinha pelo indio Firmiano um carinho paternal.

O menino a principio retribuia em gaitices de selvagem, pequenos serviços e demonstrações de ligeira affeição ás attenções que lhe disdispensava o botanico francez. E este ia paulatinamente observando e registando o genio e as transformações do caracter do botocudozinho.

Entre observações varias e interessantes assignalou Saint-Hilaire a semelhança racial existente entre o botocudo e o malayo, parecença que foi posteriormente illustrada por um episodio curioso passado no Rio. Sahindo á rua, aqui, com Firmiano, encontraram diversos chinezes, aos quaes o indio instinctivamente chamou de **tios**, julgando estar em presença de pessoas de sua tribu

Ainda no Rio o sabio teve o cuidado de levar o pequeno a Copacabana, galgando um dos morros locaes. Eis textualmente o que se passou ali em 1821, entre o homem que incarnava a perfeita civilização européa e a criança bugre, representante fiel de uma terra semi-selvagem: "Pouco tempo após minha volta de Minas, diz Saint-Hilaire, o conduzi (Firmiano) a Copacabana, um dos sitios mais deliciosos dos arredores do Rio de Janeiro. Ahi vê-se, de um lado o alto mar, do outro montanhas elevadas e pittorescas, cobertas de florestas virgens, culturas e casas de campo nos pontos mais altos. Subimos a uma colina e a vista do mar, que era novidade para elle, arrancou-lhe um grito de admiração. Até então não lhe havia falado a respeito de Deus. Achei azado o momento e perguntei-lhe si sabia qual era o autor de tantas maravilhas. Respondeu negativamente. – Nenhum homem disse-lhe então, seria capaz de crear uma gotta dagua, um grão de areia, nem o menor ramo de herva; é pois evidente que tudo quanto vemos nha sido feito por um ser superior a nós; esse ser é Deus. Foi elle quem fez o sol que nos allumia, a terra que nos sustem, os frutos que comemos, a lã que cobre as ovelhas e serve para tecer nossos agasalhos; quem colocou na terra o ferro com que fazemos a ferramenta para lavoura ou a arma para defesa. Por toda parte Deus espalhou beneficios e nos ama como um Pae; devemos pois amal-o, como filhos reconhecidos.

No dia seguinte perguntei-lhe si se lembrava quem era Deus. Fez-me então uma longa exposição das obras do Creador e terminou dizendo que Deus era **um capitão muito grande.**"

Que espirito profundo de educador vislumbramos nesse singelo episodio !

Mas, Firmiano, que a principio mostrava corresponder ao szelos paternaes do sabio francez, cedo demonstrou a rebeldia de sua indole selvagem e a incapacidade do dever de gratidão, tão bem assignalada por Saint-Hilaire entre os indios.

Os indigenas são incapazes de pensar no futuro, observa o grande amigo do Brasil, donde resulta desconhecerem os deveres de gratidão, porquanto sómente aquelles que sabem pensar no dia de amanhã têm capacidade para considerar, no presente, o passado em beneficio do futuro.

Procurando um elemento de affecto na adopção de Firmiano, o conhecido botanico passou por desgostos varios, entretanto.

Todo o seu relato das viagens emprehendidas no Brasil, em onze volumes, está perpassado de bondade innata do sabio e Firmiano representa precioso ponto de referencia, não obstante outras e multiplas opportunidades em que vemos Saint-Hilaire como homem visceralmente bom.

O busto que o nosso Jardim Botanico acaba de inaugurar foi não sómente uma homenagem ao scientista amigo de nossa terra, na sua raça talvez o unico que nos soube comprehender, e nos fez justiça, mas tambem um culto de veneração á belleza que se contêm em uma creatura typicamente boa.

Difficil tarefa será a de estampar todas as faces da personalidade de Saint-Hilaire. Um unico meio se nos apresenta para conhecel-a — a leitura de suas obras, uma a uma.

Depois, meditar.

Saint-Hilaire mostrando a Firmiano "um dos sitios mais deliciosos dos arredores do Rio".

O CRANEO DO REI MAKÁUA

Por BELMONTE

SEGUNDO noticia o "Neuer Wiener Journal", estão occorrendo na Europa, nestes ultimos dias, extranhos episodios oriundos de uma extranha caveira que ninguem sabe por onde anda e que, todavia, por circumstancias especialissimas, devera ter um paradeiro certo e bem sabido.

O caso foi assim: ha pouco tempo, na Camara dos Communs, um deputado extravagante interpellou a Mesa nos seguintes termos:

— E posso, porventura, perguntar ao illustre ministro de que modo está sendo executado o artigo 246 do Tratado de Versalhes?

O original congressista aproveitava-se da presença, na Casa, do ministro Baldwin, para envolvel-o, impiedosamente, numa interrogação absolutamente irrespondivel. Baldwin, perplexo a principio, readquiriu de prompto a sua britannica presença de espirito e resmoneou:

— Vamos, novamente, por intermedio do nosso embaixador em Berlim, convidar o governo do Reich a activar as suas pesquizas para a descoberta do craneo de Makáua.

E o caso, ainda uma vez, parou ahi.

* * *

"Ainda uma vez", dissemos, porque o problema do craneo de Makáua é um dos mais desnorteantes de quantos têem surgido nestes ultimos tempos no scenario europeu — não para pôr á prova a faculdade especulativa dos phrenologos, mas para encher de insomnia as noites atormentadas dos estadistas. Basta dizer-se, para proval-o, que essa terrivel caveira tem dado margem a não poucas interpellações na Camara dos Communs, em 1920, 22, 26 e 30.

Um craneo, como affirma o "Neues Wiener Journal", não se presta apenas para estudos osteologicos nem para que, em torno delle, se façam considerações philosophicas de sabôr shakespeareano. O craneo de Makáua, por exemplo, ainda póde vir a ser a causa de tragedias impressionantes. Senão, vejamos porque:

Ahi pelas alturas do anno de 1500 (os dados chronologicos não são muito exactos nesse ponto) havia na Africa, não se sabe ao certo em que logar, um sultão, ou rei, ou coisa semelhante, chamado Makáua. Quando esse excellente soberano morreu, os seus subditos, immensamente contristados, tomaram o seu craneo e collocaram-no na choupana real, como uma reliquia de subidissimo valor moral.

Os annos passaram, correram os seculos e, certo dia...

O craneo sagrado desappareceu!

* * *

E veio a Conflagração, em 1914.

Nessa altura — é o que dizem as más linguas — appareceu no Continente Negro um inglez diabolico e affirmou aos indigenas que o suspirado, saudoso craneo do rei Makáua fôra roubado por um emissario do Kaiser que queria proclamar-se Imperador da Africa, fiado no sedizente sortilegio da famosa caveira.

E disse mais o inglez que, se os subditos do sempre chorado Makáua quizessem auxiliar os britannicos a guerrear a Allemanha, elles poderiam retomar aos germanos a preciosa reliquia — o que traria uma éra de grande prosperidade para toda a Africa.

Os negrios resolveram, pois, entrar no barulho. Lutaram furiosamente, durante longos annos. E a guerra terminou. Terminou mas, inexplicavelmente, o diabo do craneo não appareceu!

Os pretos começaram, então, com uma insistencia de verdadeiros fanaticos, a azucrinar a paciencia dos inglezes — e de uma fórma tão impressionante que Chamberlain se viu na dura contingencia de fazer inserir no Tratado de Versalhes um artigo em que se obrigava a Allemanha "*a enviar para a Africa Oriental, no praso de seis mezes, o craneo do rei Makáua*".

Logo em seguida á assignatura do Tratado, os allemães, escrupulosamente pontuaes, encarregaram tres peritos em anthropologia africana, de procurar, nos museus do Reich, a famigerada caveira. Depois de innumeras pesquizas e extenuantes investigações, os tres desesperados scientistas confessaram a inutilidade do esforço feito, pois o craneo insistia em em não apparecer. E um delles, mais animoso, chegou a duvidar da existencia physica dessa caveira, na Allemanha como na Africa.

O certo, comtudo, é que, real ou ficticio, o craneo do rei Makáua está pondo a diplomacia anglo-saxonica numa entaladela épica. Tanto que, durante uma entrevista realizada ha algum tempo entre Chamberlain e Stresemann, o estadista inglez affirmou que "era preciso, a qualquer preço", encontrar a caveira.

Até agora, porém, o caso ainda não encontrou solução, principalmente porque a Allemanha, com a seriedade com que encara as questões scientificas — mesmo as que venham nos braços da politica — não se animou a arranjar um craneo qualquer e mandal-o ao *Foreign Office*, jurando, por todos os deuses da Anthropologia, que esse seria o véro craneo do rei Makáua.

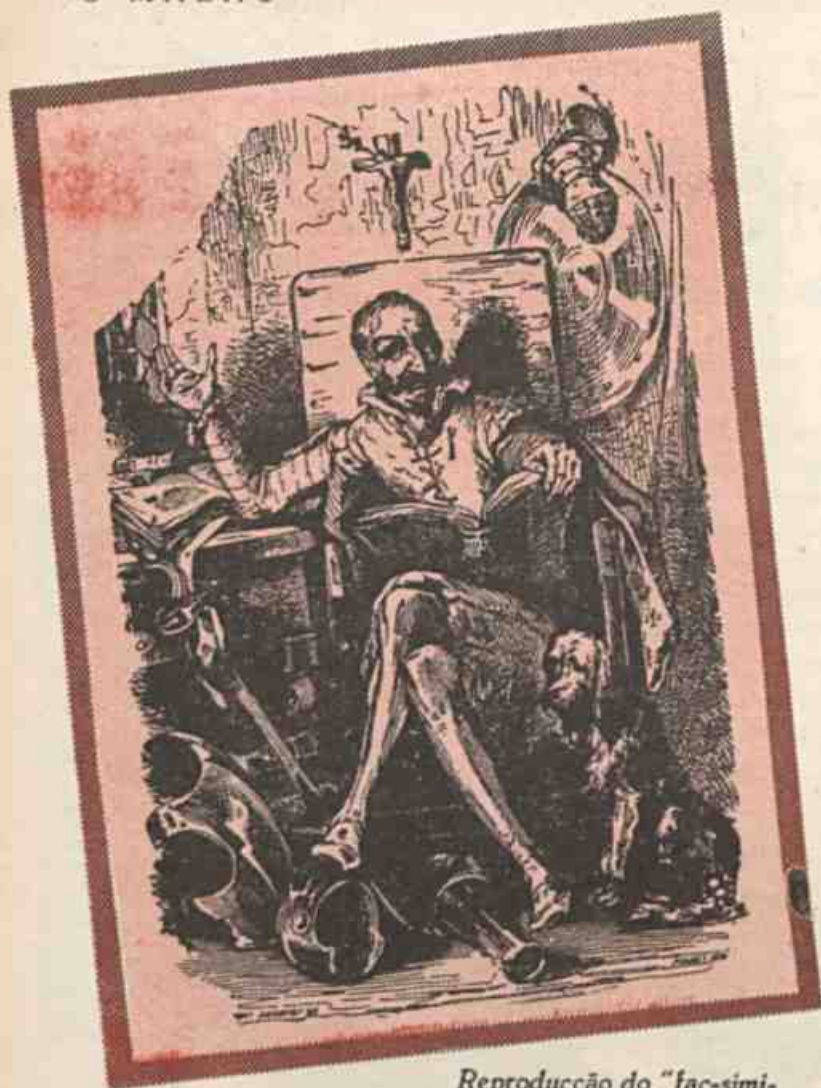
Quem, num caso desses, poderia provar o contrario? O proprio Makáua, se ressuscitasse — mesmo sem craneo — seria capaz de jurar pela authenticidade da caveira...

Como se vê, tudo isso é de inilludivel gravidade, pois a historia sinistra desse craneo está fazendo os estadistas perderem a cabeça...

Não é, pois, á tôa, que ninguem se entende mais por aquellas bandas...

"To be or not to be..."

AS EDIÇÕES DE D. QUIXOTE

E O PROXIMO TRICENTENARIO DA MORTE DE CERVANTES

Reproducção do "fac-simile" da edição italiana, apparecida em Milão, em 1887.

Vamos commemorar mais um centenario da morte de Cervantes, que passou para a immortalidade com uma obra de genio, tal seja o "Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha".

Miguel de Cervantes Saavedra, não tendo sido um palaciano, foi um homem que viveu no seculo XVI, curtindo necessidades.

Esteve varias vezes preso e foi mesmo no carcere que compoz toda a historia da vida de D. Quixote, onde poz muito da sua propria. Porque era elle um fidalgo pobre. Uns colletes, uma espada, uns livros raros e a sua penna eram toda a sua fortuna quando prisioneiro na Argelia. Quando regressa á sua terra Castelhana, os seus olhos grandes fundidos nas orbitas, desejam e querem novas paisagens. A sua fronte, muito aberta e pallida, se curte com o ar salino dos mares, que lhe dão essa ternura recondita, fina e mansa que se encontra em toda a sua obra. Fóra do carcere, revive, velho, triste, mutilado, a recordação de suas horas felizes: a sua casa de Esquivias, os seus amigos os fidalgos, que enumeravam os seus feitos de armas na Italia e na Hespanha; as suas correcções de *A Agalathéa*, livro de amor e de mocidade, emquanto no interior de sua casa, pulsa a vida mansa e encantadora de cada dia: as "asas dos moinhos" rodando incessantemente e "os fusos girando sem parar".

Cervantes publica a primeira edição de seu livro, que sahiu editado por João de la Cuesta em 1605, e como illustração na capa, uma ave de rapina e um leão adormecido. Dois seculos depois, a imprensa

Reproducção da capa da primeira edição do "D. Quixote de la Mancha".

EL INGENIOSO
HIDALGO DON QVI-
XOTE DE LA MANCHA,
Compueſto por Miguel de Ceruantes Saauedra.
DIRIGIDO AL DVQVE DE BEIAR,
Marques de Gibraleon, Conde de Benalcaçar, y Bañares, Vizconde de la Puebla de Alcozer, Señor de las villas de Capilla, Curiel, y Burguillos.

Año, 1605.

CON PRIVILEGIO,
EN MADRID, Por Iuan de la Cueſta.
Vendeſe en caſa de Franciſco de Robles, librero del Rey nro ſeñor.

"Fac-simile" da primeira edição portugueza do "D. Quixote", apparecida em 1605.

Capa da segunda edição franceza do "D. Quichotte", de 1876, illustrada por Vierge.

Reproducção do "fac-simile" da 1.ª edição ingleza, de 1620.

de Vega, publica-lhe outra edição. E ellas se succedem na Hespanha. O interessante é que o Santo Officio, sempre exigente nesse particular, concedeu licença a Jorge Rodrigues, em Lisboa, para a primeira edição portugueza do "D. Quixote", que sahiu no mesmo anno de 1605, quando surgiu em Madrid a obra de Cervantes.

Só em 1832, a França publica, commentada por Pelissier, essa obra, sendo certo que, em 1876, surgiu em Paris, outra edição, illustrada por Vierge. A' Inglaterra nesse ponto antecedeu a França. Em 1620, decorada por Blounte, surgiu a primeira edição ingleza do "D. Quixote".

Quando nos aprestamos para commemorar em Agosto o Terceiro centenario da morte de D. Miguel de Cervantes Saavedra, que viveu no seculo de ouro, era justo que fizessemos este commentario sobre as edições do seu livro, que passou a ser, ao lado do das "Mil e Uma Noites" e da "Biblia", um dos maiores monumentos da literatura de todos os tempos.

THE HISTORY OF DON-QVICHOTE.
The first parte

RIMAS HUMORISTICAS

DES... ARRANJOS...

Prompto. Está resolvido o incidente:
Não volto mais ahi. Pois do contrario,
Tua mãe, num momento de desvario,
Ao pêlo me viria certamente.

Eu bem vi que essa velha impertinente
Um dia me pegava de surpresa
E o craneo me escaldava, com certeza,
Com boa chaleirada de agua quente.

Não me culpes a mim, pois, a culpada
De toda essa tragedia és tu, meu anjo,
Que sabias de todo o desarranjo
E só de má, não me disseste nada.

Podia ser peor, pois, seá Maria,
A mãe de uma pequena da Favella,
Quebrou-me, sem piedade, uma costella
Com o cabo da vassoura. . . em pleno dia. . .

JOSÉ ALVES FERREIRA JUNIOR

Num samba

Na casa do Chico Airosa,
A funcção vae animada;
Ronca a sanfona fanhosa
Uma polka requebrada.

Vae a sala em polvorosa.
Sózinha, a um canto, sentada,
Assunta a Maria Rosa,
Cabocla desempenada.

Entra um caboclo pimpão,
Numa ruidosa alegria
E diz-lhe: — Eta baile bão!

Vamo porcá, sá Maria?
— Num sei porcá, sô Janjão,
Seu subesse, porcaria!

II

Treguas e pó. Tudo sua.
Um cheiro de mangerona,
Pelo ambiente fluctua. . .
Sôa de novo a sanfona.

A folia continúa:
Dansa o Maneco Pamplona
Com a Mariquinha Perúa,
Caboclinha folgazona;

E, após, (elle não se cansa)
Para nova contradansa
Convida a filha do Zé:

— Já tem pá p'r'essa Bindicta?
— Tenho! — Ota sorte mardita!
Mas fica p'otra, num é?!

J. B. DE AZEREDO COUTINHO

JOGO DO BICHO

Maria de Lourdes Gomes de Lima

A D. Maricota Santiago
Num dia aziago
Foi visitar D. Emerenciana
Na quinta ou sexta-feira da semana.

E trouxe da visita,
(Além de mais um boato sobre a visinha bonita)
Um optimo palpite!

Foi de um sonho
Que tristonho
"Seu" Zé, da Emerenciana, relatou.

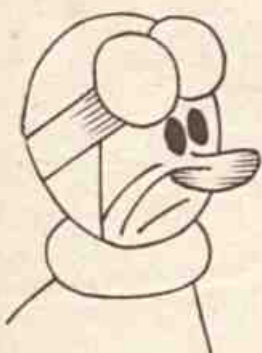
Era um sonho exquisito
Em que "seu" Zé, afflicto,
Cantava a noite toda como gallo;
E só acordou,
Porque feroz, a dôr picou
No seu antigo callo.

A D. Maricota
Jogou no grupo, em tudo, até o milhar.
Porém com tanto azar,
Que o o pobre do bicheiro
Foi parar com o dinheiro
E com a lista do dia
Lá na delegacia!

E a D. Maricota Santiago
Neste dia aziago
De dôr, quasi morreu;
Pois de tarde, sem falta: o gallo deu!!!

RECADO P'RA PEDRO ALVARES CABRAL

Senhor Dom Cabral, venha ver
a inutilidade das calmarias,
das bussolas, das caravellas
e dos chronistas pandegos, como o Caminha;
venha ver a facilidade com que, sem nada disso
estão enterrando o Brasil,
este mesmo Brasil que, em mil e quinhentos
você custou tanto a descobrir. . .

LEONEL FARIA

Plano aereo

PHILOSOPHIA DO AR E DOS VOADORES

O espaço é uma creatura vaga e informe, em cujo corpo abstracto não se póde espetar cousa alguma. No Espaço, só se equilibra o ar — porque não tem osso. Quanto aos passaros, aos aviões, aos dirigiveis e aos paraquedistas — sêres que têm esqueleto — o seu equilibrio é sempre precario. Donde se conclue que ser, apenas, uma **fórma,** como o ar, é meio caminho andado para subir muito, na vida. O corpo é um prejuizo — e o esqueleto, uma calamidade...

—o—

A gravidade é a mais ciumenta das leis physicas: quando esquecemos que ella existe, quebramos o nariz...

—o—

O **aeroplano** sobe por dois motivos: 1) para justificar, ás avessas, a lei da gravidade; 2) para justificar, directamente, as despesas feitas com a sua construcção. O aeroplano é um passaro artificial que sabe voar mas que ainda não apprendeu a descansar numa dobra de nuvem, ou na aza inquieta de um tufão... Para o aviador, mais do que para ninguem, o movimento é a vida...

—o—

O **monoplano** é um avião solteiro: por isso, é o mais expedito dos apparelhos do ar. Foi num monoplano que Lindberg, se quizesse fazer o mesmo, hoje, com a mulher, teria que viajar num dirigivel... Para um homem solteiro, um avião solteiro...

—o—

O **avião amphibio** é um apparelho que tem alma de jacaré: tanto gosta de um campo de **football** como de uma lagôa... O amphibio, como certos politicos, não tem preferencias pessoaes: age de accordo com as necessidades do momento...

—o—

A Vida é um vôo plano, que nós transformamos em **looping-the-loop** para ir mais depressa ao solo...

—o—

O avião não poderia elevar-se no espaço se não fosse a resistencia do ar. Lá em cima, como cá em baixo, muita gente sobe á custa das resistencias alheias...

—o—

A velocidade é a arte de correr com o Tempo, na pista do Infinito. Como todas as cousas, a velocidade é eminentemente relativa... Um kagado, andando 100 metros em 24 horas, está mais satisfeito do que um aviador que devora 500 kilometros em uma hora... E o raio de sol, que anda 300.000 kilometros por segundo?...

—o—

A civilisação tende a uniformisar os pontos de vista, isto é, a pôr em harmonia Lindberg e o Kagado...

—o—

A velocidade está para o avião assim como a belleza para a mulher: ambas são meios de chegar mais depressa a um **fim**...

—o—

A quéda **em folha secca** é um modo romantico de quebrar a perna...

—o—

O erro é uma **panne** no motor da razão. Ha **pannes** provocadas, para mostrar a segurança do apparelho. As mulheres têm a volupia dessas experiencias...

—o—

Amar é fazer bonitas evoluções num apparelho desconhecido, sem conhecer o campo de aterrissagem e contando, apenas, com o **paraquedas**...

—o—

O **paraquedas** é o ultimo capitulo de um romance aereo cheio de bobagens...

—o—

O Espaço é uma enorme quantidade de cousa nenhuma, que a Natureza disfarçou com uma pitada de ar atmospherico...

—o—

Casar, para um homem de temperamento inquieto, é o mesmo que carregar de chumbo um avião de caça, especialmente construido para bater records de velocidade.

—o—

A sogra é um avião de caça que se transformou em **apparelho de bombardeio...**

—o—

Todos os irmãos menores das moças bonitas e casadouras são pequenos **aviões de reconhecimento,** em serviço nas visinhanças da casa...

—o—

A vaidade é uma viagem de circumnavegação em torno de nós mesmos...

—o—

Que é a Morte? Um **raid** absurdo, rumo ao Desconhecido, com algumas cartas de recommendação para os parentes defuntos...

—o—

A desillusão é uma especie de capotagem, isto é, o epilogo terrestre de um drama que começou muito alto...

—o—

"Os corpos attrahem-se na razão directa das massas e na inversa da quantidade de gazolina que se tem nos tanques..." (axioma de aviação complementar á lei de Newton... Braga).

—o—

Cahir de 5.000 metros, sem paraquedas, é o meio mais rapido para ir ao inferno sem errar o caminho...

—o—

No avião, a helice é que faz tudo: a aza enfeita o apparelho...

—o—

Não ha nada melhor para um apparelho de bôa familia do que cahir no quintal de uma casa suspeita...

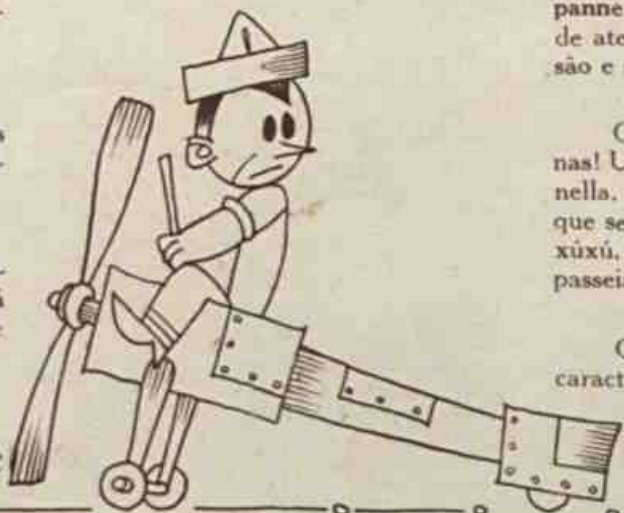
—o—

Enviuvar é o mesmo que ter uma **panne** a 10.000 metros, perder o trem de aterrissagem e chegar, cá em baixo, são e salvo...

—o—

O destino diverso das cousas terrenas! Um pedaço de aluminio vae ser panella, outro vae ser "zeppelin"! Um tem que se contentar em cozer o quiabo e o xúxú, outro, transporta millionarios e passeia pelo mundo inteiro!...

—o—

Chama-se **ether** o nada, vestido a caracter, para tapar os buracos do Infinito...

BERILO NEVES

Occultos entre a vegetação, em verdadeira caça ao inimigo. Vinham abrindo o caminho a facão, e elle surgiu, inesperado, pela frente.

Visões da Guerra no Chaco

Pae e filho, ambos soldados, combatendo lado a lado a serviço da patria.

Transpertando um ferido, um irmão de armas, para que aquella vida se não perca, como outras tantas...

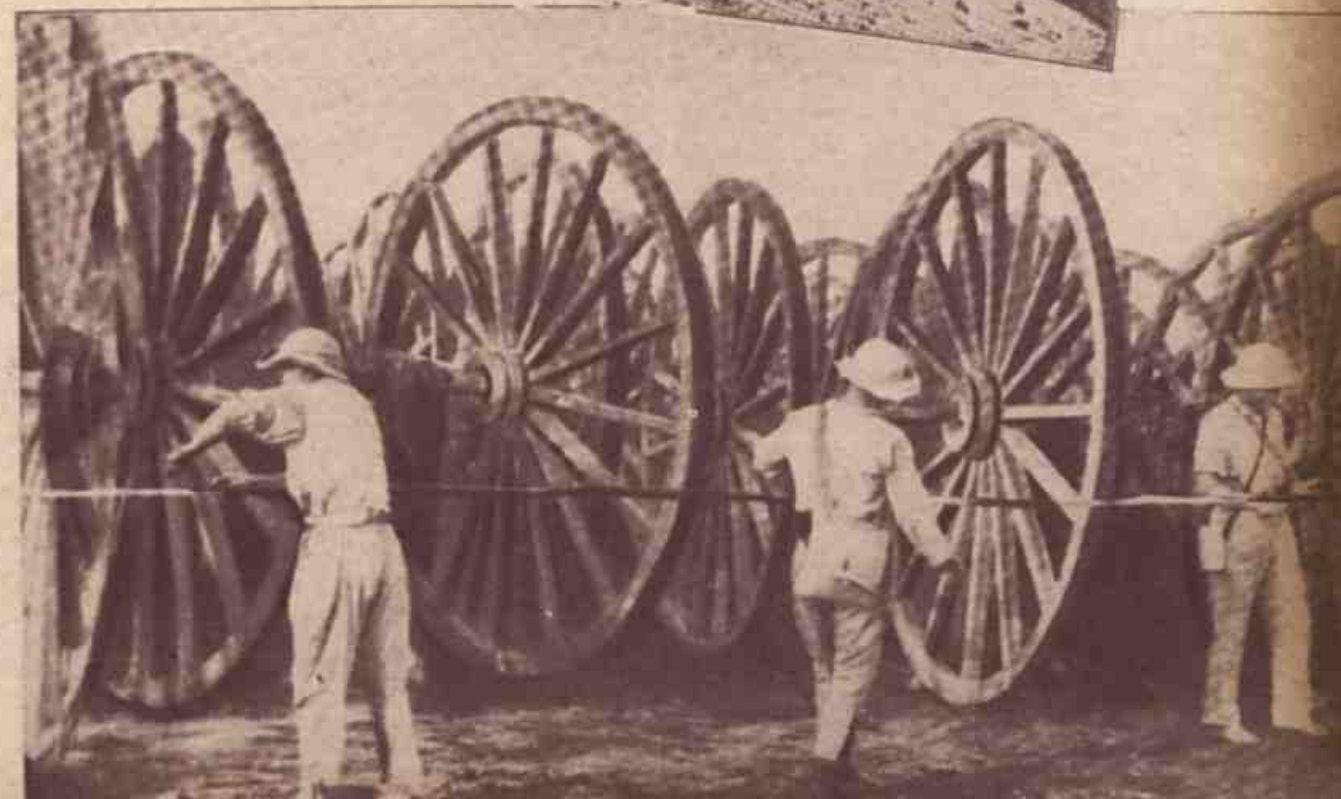
Quando mais acesa ia a campanha na região chaquenha, a grande revista allemã "Berliner Illustriert Zeitung" fez seguir para ali, com o fito de colher impressões para os leitores, um dos seus redactores, o jornalista Will Ruge.

Diversos flagrantes, todos elles de grande interesse, foram fixados pelo photographo que acompanhou o reporter berlinense, que penetrou mesmo no coração da zona conflagrada, privando com os componentes das duas hostes de lutadores, auscultando-lhes os sentimentos, inquirindo-os acerca da vida ali vivida, si se pode chamar de vida a existencia durante tres annos á mercê das balas inimigas e, o que é mais, de um clima hostil e barbaro.

Will Ruge chamou o Chaco de "Inferno Verde", nas movimentadas paginas que escreveu a respeito do que viu e sentiu durante sua excursão. E com razão. O clima, ali, era o peor inimigo do soldado, pois raramente o thermometro descia a 40° á sombra, o que fazia com que dezenas de soldados perecessem de sêde. Alliada ao clima, a caracteristica topographica da região, onde a matta, fechada, cheia de espinheiros, era outro inimigo com que os belligerantes tinham que lutar.

Nos aspectos photographicos que publicamos, muita coisa curiosa se pode observar.

Nem todos os soldados usavam calçado. Em compensação, os caminhos e picadas por onde andaram estavam cheios de espinhos.

Para construir as palissadas, os belligerantes empregavam rodas de dois metros e meio de diametro.

Almirante Graça Aranha.

Mussolini em traje de aviador.

Millionario John Rockefeller.

Um comicio constitucionalista em S. Paulo.

Camillo Flammarion.

Stalin, dictador na U. R. S. S.

Uma fabrica allemã.

Sellos commemorativos.

● Foi convidado pelo governo para o cargo de Director do Lloyd Brasileiro o almirante Heraclito Graça Aranha, director de Navegação da Armada Nacional e irmão do saudoso romancista de "Chanaan".

● O avião em que viajava Mussolini, chefe do governo da Italia, foi attingido por uma faisca electrica. Não houve morte a consignar; comtudo o operador de radio do avião perdeu os sentidos pelo choque recebido.

● O millionario John Rockfeller festejou o seu 96° anniversario...

● Foi promulgada, entre manifestações de jubilo e aproveitando a data historica de 9 de Julho, a Constituição do Estado de São Paulo.

● Inaugurou-se em Paris o maior congresso de astronomia até hoje realisado. Compareceram delegados de varios paizes e esteve presente á inauguração a senhora Gabrielle Flammarion, viuva do grande sabio cognominado "o poeta dos Céos".

● Stalin assignou um plano decennal para a reconstrucção de Moscou, constando que 580 edificios escolares, 17 hospitaes e 27 dispensarios, 50 cinemas, 3 casas de cultura infantil, 7 clubs, 9 grandes armazens, 5 installações frigorificas, pelo menos, serão construidos nos primeiros 3 annos desse periodo de 10 de que trata o plano.

● 95 universitarias allemãs resolveram trabalhar em diversas fabricas, gratuitamente, durante 4 das seis semanas de férias a que têm direito, substituindo outras tantas operarias para que estas possam gosar aquellas 4 semanas de férias integraes.

● Está circulando a emissão de sellos postaes commemorativos do 4° centenario da Capitania de Pernambuco.

● A Camara dos Deputados do Uruguay revogou a prohibição existente desde 1908 para a realisação de touradas no territorio da Republica.

● O presidente Lebrun, da França, lançou a pedra fundamental da grande Exposição Internacional que se realisará em Paris em 1937.

● No estadio do Vasco da Gama, 20.000 alumnos das diversas escolas municipaes, sob a regencia do maestro Villa Lobos, realisaram um concerto orpheonico, vocalisando hymnos e canções patrioticas.

● Tomou posse na Camara Federal o Dr. A. A. Borges de Medeiros, deputado pela Frente Unica do Rio Grande do Sul.

● O consul de Nicaragua em Genova, Sr. Mario Parodi, por ter ameaçado uma joven a revólver, quando esta lhe repellia um galanteio, foi condemnado a 3 mezes de prisão.

● Foi inaugurada solemnemente a Escola Republica Argentina, no Boulevard 28 de Setembro, aproveitando a passagem da data anniversaria da independencia daquella Republica.

● Falleceu o 1° vigario de Copacabana, Monsenhor Joaquim Alvim.

● Partiram para o Brasil, de Lisboa, pelo "Highland Patriot", 74 emigrantes portuguezes.

sorriu o sheriff. Olhou para u'a mala de couro e leu as iniciaes J. H. B. a um canto da mesma.

"Acho que alguns foram a Phenix para o "week-end". Eu me sinto um pouco sem etiqueta para a minha situação..." O joven estava pensativo. Levantou-se e vestiu o paletot. Depois, dirigindo-se ao outro, disse: "Escute. Quer me fazer um pequeno favor? Não quero ir pela rua principal. E' que... alguns dos meus amigos podem me ver. V. se importaria se fossemos por uma travessa e esperassemos, na casinhola do chaveiro, pelo trem?... V. comprehende..."

"Está bem. E se V. quizer ir dizer adeus a sua senhora eu posso esperar". O sheriff pronunciou estas palavras com allivio e quasi obsequiosidade. Seus olhos vagaram pelo aposento limpo, de tecto baixo.

"Muito obrigado; mas... podemos pegar o primeiro mesmo. V. é um bom camarada, mas eu... eu... não estou vivendo com ella".

"Não está vivendo com ella?" A expressão do sheriff era de verdadeira surpresa. "Como?... Eph. Perkins disse que nunca vira duas pessoas pensarem tanto uma com a outra. Disse que V. seria capaz de venerar o logar onde ella pisasse. Que quando ella ficou doente é que V.

Uma Diligencia Facil

"ALLÔ, Blunt!", disse o estrangeiro que appareceu no limiar da porta. O joven accommodou-se pondo os pés em cima da mesa, ao lado da machina de escrever. Depois, respondeu: "V. deve estar enganado..."

"Oh, não. V. é Jack Hobar aqui, mas continua a ser John H. Blunt em Apple Harbor, Maine..."

"Bom..."

"Sim — é. V. sabe quem eu sou agora, não é?" O olhar do outro percorreu o homem de pé no limiar da porta: um chapéo preto, um rosto avermelhado e gordo, pelo qual o suor escorria, um collarinho desbotado duvidosamente limpo; um terno azul e uns sapatos "marrons" com as pontas arrebitadas.

"Um official de justiça — ou cousa parecida".

"Sheriff", corrigiu o visitante. "V. sabe para que é que eu estou aqui... acho eu". Sentou-se sem que fosse convidado pelo joven, enxugou o rosto com o lenço e falou sobre o calor.

O joven ainda recostado para traz, com as mãos entrelaçadas por detraz da cabeça, disse: "Para que eu entenda tudo isso claramente é preciso que V. me conte desde o principio".

"Bem, V. é Blunt" — o apparelho telegraphico ao lado rompeu em viva tagarelice. O sheriff interrompeu o que dizia.

"Continue", disse o joven. "Isto não quer dizer nada. Eu não trabalho depois das tres — a menos que seja algo realmente importante".

"Bem", o visitante ergueu a voz para competir com o zumbido. "Blunt — cinco pés e onze pollegadas; peso: cento e sessenta libras; olhos: azues; cabellos: pretos; telegraphista no **Jornal de Mineral Wells**, é procurado por sonegamento de seiscentos e onze dollars e setenta e dois centavos dos fundos da Great Northeastern Telegraph Company — quando agente em Apple Harbor. Blunt é um veterano da Grande Guerra". O sheriff olhou significativamente para o casaco pendurado por cima da cabeça do joven e para o botão de serviço, na lapela.

O apparelho calou-se. "E eu sou o sujeito...?"

O homem em mangas de camisa tirou os pés de cima da escrivaninha e accendeu um cigarro. "Como é que V. descobriu onde eu", corrigiu-se, "onde Blunt..."

"Por seu cunhado; a carta que V. escreveu perguntando como estava sua irmã..."

"Oh, a carta para...". E fez uma pausa.

"Sim, a carta para Eph Perkins".

"Eph Perkins" — disse o joven indifferentemente, — "é um velhaco".

"Um bom amigo dos detectives" — disse o sheriff inconsciente da ironia. "Ganhou bastante dinheiro... tambem".

O outro observava-o atravez da fumaça do cigarro. "Se eu sou Blunt, como é que eu nunca o vi por perto de Apple Harbor?"

"Porque eu não estava lá no seu tempo — era policial em Portland — seis ou sete annos. Mas meu primo Jack Walton foi eleito sheriff; assim elle me chamou para auxiliar".

"Comprehendo; assim V. conseguiu essa viagem agradavel em perseguição de Blunt..."

O sheriff cruzou as pernas e limpou o rosto novamente. "Nem tanto. Nunca senti tanto calor. Que tem V. com isso? V. pegou o dinheiro... é nosso dever trazel-o de volta".

O joven abanando a mão no ar, disse: "Com certeza V. disse a toda a cidade que estava atraz de mim..."

"Não disse a ninguem", protestou o sheriff. "Eu entrei, fui á Policia... e o que tem esta aldeia, afinal? Não havia um só policial no logar".

"Toda a força está para o sul — nas montanhas — atraz de dois homens-maus que assaltaram o Banco. Quasi toda a cidade está com elles. Eu não pude ir... nunca se sabe quando o telegrapho traz algo importante".

"V. tinha que ir a outro logar..." — lançou mão do dinheiro da companhia para trazel-a para cá onde ella se daria melhor. Que vocês nunca se aborreceram até então"... E... perplexo, elle enxugou mais uma vez a testa.

"As pessoas mudam —" começou o joven. O apparelho telegraphico tagarelou mais uma vez com a sua curiosa urgencia. "Isso é importante" disse elle. Sentou-se á machina de escrever na qual estava duas folhas de papel e carbono. Seus dedos correram sobre o teclado. "Terminou...", annunciou levantando-se. "O editor da cidade receberá isto ao voltar".

"Ainda está zumbindo..." — observou o sheriff.

"Não quer dizer nada", assegurou-lhe. "Já conheço isso". Pegou a maleta e sahiu em companhia do sheriff.

Um homem alto e ainda joven entrou no mesmo aposento, meia hora depois. Estava abatido; seus hombros pendiam para a frente e em seus olhos estampava-se a tragedia. Pendurou o chapéo e deixou-se cahir desanimadamente na cadeira, deante da machina de escrever. Seus olhos passaram por sobre as phrases escriptas na folha de papel. Leu:

"Caro Jack.

Um sheriff de Apple Harbor, tomou-me por V. neste momento e eu consenti. Vou deixar a cidade, em companhia delle, no proximo trem. O Dr. Cowles esteve aqui e disse que Jessie não durará mais que poucas horas. Temos quatro dias antes que elles descobram o engano. Nessa occasião estará tudo acabado e Jessie não saberá de cousa alguma. V. poderá arranjar o dinheiro entre os seus parentes. Isto, tenha certeza, salvará tudo. Terei prazer em surrar o seu cunhado Eph. Perkins. As folhas estão promptas para sahirem ás quatro horas. A historia está dactylographada. Desculpe-me por ter trazido a sua roupa mas as iniciaes da mala estavam completando o **bluff**. Ate logo — Bill"

MICHAEL PHILLIPS

O "almoço no Atelier", um dos quadros mais caracteristicos de Manet.

DE MATTOS PINTO

A ARTE *impressionista*

Sahindo do Collegio Rolin, aos dezesete annos, veio ao Rio de Janeiro, trazendo comsigo a vocação das côres, o sentimento da paizagem e o amor da luz. De regresso a Paris, o seu berço natal, Edouard Manet quasi nada sabia de pintura. Durante seis annos, elle vegetou, manietado pelas lições da velha arte, dogmatica e solemne, que aprendera com Thomas Couture. Dorme o seu temperamento. Em vez de perscrutar a voz infallivel da sensibilidade, compõe segundo as regras immutaveis. Assim, deforma a emoção e recalca a individualidade, confundindo-se comsigo mesmo. Ainda tres annos, depois de ter abandonado o mestre Couture e com elle os seus classicos modelos, a ancianidade dos preceitos gregos, desconhecia o seu verdadeiro logar, no futuro da arte que culminou na Renascença, com Da Vinci, Miguel Angelo e Raphael, a trindade suprema. Com intervallos, como o transeunte perdido que procura a estrada real, viajou pela Allemanha, Italia, Hespanha e Hollanda. Percorreu os museus e olhou os retratos de Ticiano, as arvores de Poussin, os mythos de Correggio.

UMA ARTE NOVA

Em 1860, quando elle pintou o Bebedor de Absintho, comprehenderam que havia nascido um artista, alheio aos classicos, differente dos copistas, mais perto da vida real, do que dos themas da Escola de Bellas Artes. Um anno depois, o Hespanhol Tocando Guitarra, attrahiu pelo seu eloquente colorido, o louvor de Théophile Gautier. Ao tentar apparecer com o Almoço Sobre a Relva, os examinadores da arte official, regulamentada e consagrada, recusaram. Promoveu Manet, exposições particulares, em desafio ao refugo. O publico procurou verificar, porque os mestres escolares repelliam os novos, quaes as suas audacias de estylo, as suas bizarrias de impressões, as suas rebeldias de esthetica. A exposição particular de 1863, despertou apupos em uns, duvidas noutros, enthusiasmos em terceiros. Edouard Manet começava a ver com os seus proprios olhos e não com os principios da optica. Traduz agora a natureza, conforme o seu mundo interior e mesmo havendo em seus quadros, recordações da pintura hespanhola. Velasquez e Goya, ha nelle uma arte, que realmente lhe pertence, que descobriu comsigo e que em nada se assemelha ao mestre Thomas Couture. A prova se conhece, pela effervescencia da critica, pelo alarido dos artistas amedalhados, pelo fluxo e refluxo das opiniões desconcertadas. A appari-

No "Pae Lathuille", Edouard Manet revela o seu gosto pela realidade natural.

Nos "Velhos Musicos", Edouard Manet nos revela a poesia dos impressionistas.

ção de OLYMPIA fez de Manet, o mais discutido dos pintores da França, no seculo XIX, por ser elle o primeiro a encarnar com vehemencia, a nova pintura na sua evolução e na sua transformação. A sua obra se evadia do classicismo, fugia e transgredia dos postulados convencionaes. Reaes, humanas e expressivas, as telas assignalavam que a arte etherea de Murillo, encontrara em Manet, a inspiração que a deveria reconduzir á vida. A doutrina do DOCUMENTO HUMANO, posta em voga por Zola, faz nascer a escola impressionista de Batignolles e com ella quadros caracteristicos, como o TOIREIRO MORTO E os VELHOS MUSICOS.

O SENTIMENTO DO MUNDO VIVO

Conhece-se bem a historia de Manet, a aventura de um pintor, que viu indifferente a poeira illustre das pinacothecas, apreciou com desinteresse o oleo dos museus, sabia da existencia de obras primas, sagradas e consagradas. E se poz a pintar a natureza, não como official do LOUVRE, mas como verdadeiro homem cujo sangue e arterias vivem, cujas sensações e presentimentos suggerem estados d'alma, inquietos, proprios, independentes. Ao lado de Corot e de Courbet, que iniciaram a descoberta da nova natureza, entre as paizagens artificiaes das escolas dogmaticas, Edouard Manet dá ao pincel da antiguidade, o sentimento do mundo vivo. Com o ALMOÇO NO ATELIER, vemos a capacidade e a força de execução de um temperamento, que sabe discernir o seu mundo interno, da banalidade da vida exterior. A sua pintura obteve tanta hostilidade como a poesia de Baudelaire, mas como ella acabou coroada de applausos.

A VICTORIA DO IMPRESSIONISMO

De Manet, sahiu a escola de pintura, que tomou os nomes de realismo, naturalismo, impressionismo. Desprezando os feitos historicos, as concepções mythologicas, pintou as arvores, os ambientes, as pessoas, os corpos moveis e immoveis, com uma subjectividade, um vigor, um particularismo, que deram plena originalidade. A arte que vemos no PAE LATHUILLE, resulta de uma palheta a serviço da sensibilidade humana. Nella se distingue o proprio sangue e a propria carne de Manet, para recordar a imagem de Emile Zola. A lucidez dos corpos, a plenitude das cores e a pujança da luz, o ar livre, fizeram a victoria do impressionismo. LOLA DE VALENCIA mereceu de Charles Baudelaire, as honras de uma poesia. Saint-Marcel, Degas, Renoir, Fantin-Latour, Claude Monet, Pissaro, Emile Zola e Th ophile Gautier, constituiram a ala dos seus admiradores, dos seus amigos, dos seus enthusiastas. Realmente, a pintura se approximou da vida com Manet, observou melhor a poesia real da natureza, sentiu mais humanamente, a arvore, o céo, o homem.

Manet poz no "Toireiro Morto", a alta expressividade do seu pincel naturalista.

DE CINEMA

Por MARIO NUNES

CAMONDONGUICES

Alguem perguntou ao perfido Adhemar o que havia de certo a respeito do annunciado cinema monumental da Metro. O director n. 1 da C. B. C. respondeu:

— A Metro é só papo e penna... Vocês não têm visto os films della deste anno? Papo e penna, nada mais!

❖ ❖ ❖

Os Segretos estão furiosos com os Irmãos Ponce que lhes estão fazendo seria concurrencia... Com films? Não! Com lutas de box! muito embora em films.

— Só assim o Broadway se enche! informou o Frankel. Com a R. K. O. é cada vazante...

❖ ❖ ❖

Ha quem invista contra os americanos que dirigem as agencias das grandes companhias de Hollywood entre nós por sua insaciavel voracidade, arrancando dos exhibidores o maximo e restringindo as despezas e salarios ao minimo. Não ha razão para isso elles estão no seu papel não foram mandados para cá para outra cousa. O que é triste é ver brasileiros empenhados na mesma tarefa, pensando que o assumpto se recommenda ás matrizes! Não adeanta! Olhem o exemplo do Rosenvald. Fez a Fox no Brasil. Assim que ella se firmou, bumba! director americano! O maximo que lhe concederam, em attenção á sua origem, foi a nomeação, primeiro de um americano fantasiado de francez Mr. Harley e agora, de um italiano, nas mesmas condições, fantasiado, tambem de francez, *il signor* Bavetta!

❖ ❖ ❖

— Que fim levou a United Artists, este anno?

— Não sabe? Sepultou-se no Rex, o rico mausoléo da rua Alvaro Alvim.

— Anh!

MICKEY

CLAUDETTE COLBERT — que nos deu aquella encantadora expressão de uma Cleopatra nascida dois mil annos depois, com ares e geito de melindrosa dos nossos tempos, mora em uma linda casa em Brentwood.

Além do extremo conforto interior no terreno extenso installou a deliciosa estrella uma piscina e um campo de tennis.

NOSSO CINEMA

Atira-se resolutamente a iniciativa brasileira á producção de films de grande metragem. O movimento agora tem um caracter mais serio, já não se trata de ensaios mas de passos seguros em terreno firme. O recente successo de "Alô, Alô, Brasil" que continúa agora com "Estudantes" ambos da Waldow Flimes faz prever novas victorias.

Reproduzimos aqui uma scena de "Favela dos meus amores" da Brasil Vox Film com Jayme Costa e Belmira de Almeida; e um instante de ensaio de "Noites cariocas" em que actuam o director Enrique Cadicano, o galá Carlos Vivan e Custodio de Mesquita ao piano; ensaiam a valsa "Eu conheço um logar onde se sonha..."

O pão nosso de cada dia

Este é King Vidor, autor, productor e director de "O pão nosso de cada dia" que acaba de receber da Liga das Nações a medalha de ouro que lhe foi conferida pela mais notavel direcção cinematographica de 1934.

A medalha é de ouro macisso e tem quatro pollegadas de diametro. King Vidor recebeu a noticia dessa distincção quando dirigia a producção de Samuel Goldwyn "Noite de nupcias" com Gary Cooper e Ana Sten de que damos junto do retrato do famoso director uma scena.

ARTISTAS EM FERIAS

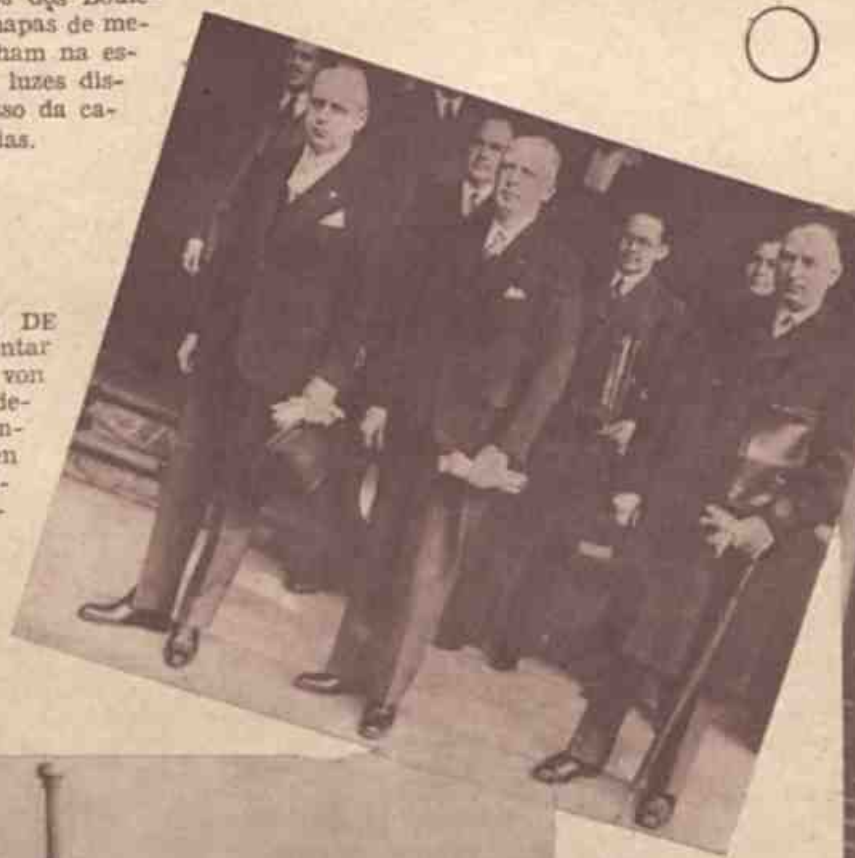
Shirley Temple, a pequenina estrella de Cinema, que tantos admiradores conta, está passando as ferias em Sherwood Forest, ao norte de Hollywood.

O photographo da International News surprehendeu-a num passeio de motocycle. A menina de ouro ficou "cheia" e agradeceu com um dos seus mais lindos sorrisos.

PARADA MILITAR — Em commemoração do 70° anniversario de Jorge V, houve uma parada militar no acampamento da Guarda montada da qual participaram tropas coloniaes. A rainha Mary (á esquerda, no landau) assistiu á ceremonia em companhia de pessoas da Familia real.

PHAROES NAS TREVAS — Afim de orientar os noctivagos, foram collocados nos passeios dos Boulevards de Paris umas chapas de metal circulares, que brilham na escuridão, reflectindo as luzes distantes. Foram o successo da capital franceza, estes dias.

O Mundo

A CONFERENCIA DE LONDRES — A contar da esquerda: Joachim von Ribbentrop, chefe da delegação allemã, commandante von Kiderlen e almirante von Schuster, seus auxiliares. Como sabem, a conferencia versou sobre o desarmamento naval da Allemanha.

NUVENS DE PÓ — Um cyclone medonho desabou recentemente sobre Wilburton (E. U.), levantando grossas nuvens de pó. O trafego dos trens ficou paralysado varias horas, tal a quantidade de areia. Os prejuizos foram orçados em alguns milhões de dollars.

TERRAS ABENÇOADAS — O general Goering, ministro da Aviação allemã, e o rei Boris, da Bulgaria, descem no aerodromo de Sofia. Ante o panorama que se lhe depara, o general exclama, enthusiasmado: — "Terras abençoadas!"

A DERROTA DE BAER — Um instantaneo do *match* entre Jimmy Braddock (á esquerda) e Max Baer no ring de Garden Bowl, a 11 de Junho ultimo. Tendo recuado a um golpe ameaçador de seu adversario, Jimmy investe e envia em Baer um possante "sweeping loop" esquerdo. Dessa vez, Baer não sorriu.

Em Revista

FAMILIA NUMEROSA — A Sra Ellen Minkler, 74 annos, rodeada de seus descendentes, em numero de 76 pessoas.

Mrs. Ellen reside em Los Angeles, onde brilha, mas não como "estrella".

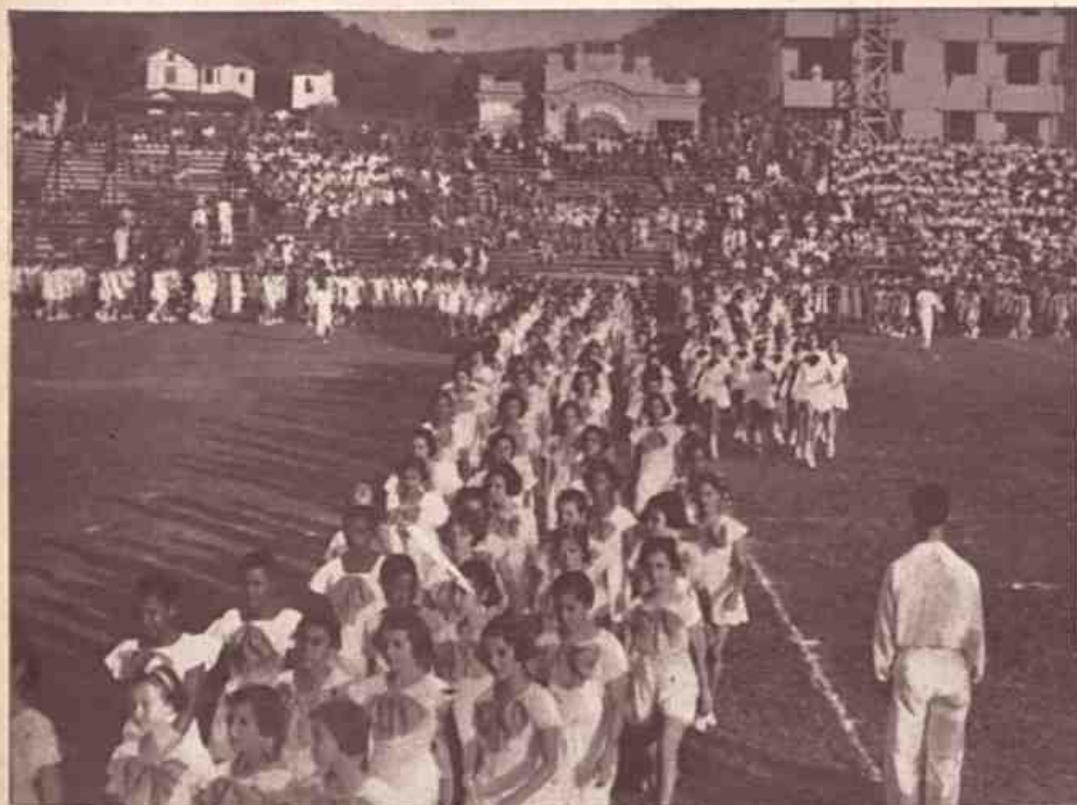
ESPONSAES ARISTOCRATICOS — O tenente Alessandro Palavicini, do Exercito italiano, e a Srta. Margaret Roosevelt ao sahirem da egreja de St. James (N. Y.) onde foi celebrado seu casamento. A Srta. Margaret é prima em terceiro grau do actual Presidente dos Estados Unidos.

CASA DE MASCARAS — "O Sr. não quererá uma mascara contra os gazes deleterios?" Esta pergunta ouve-se agora com frequencia na Cidade-luz, onde existem varias fabricas de "gas mask". Aqui têm o interior de uma "casa de mascaras", vendo-se freguezes experimentando algumas.

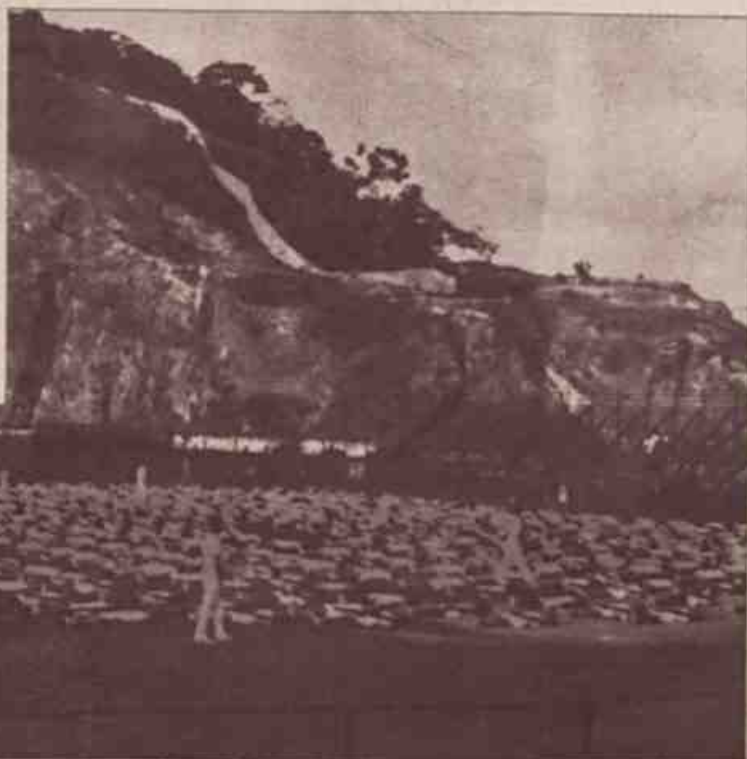
RUMO AO BRASIL! — O Sr. Horton, governador de Puerto Rico, e seus antecessores Theodor Roosevelt Jor. e Beverley. Photo tirada no aeroporto de S. Juan após a chegada Theodor, que ia em para o Brasil.

A GRANDE DATA PAULISTA COMMEMORADA NO RIO — O 9 de julho, que recorda a deflagração da rebellião paulista contra a eternização da Dictadura, e que foi festejada enthusiasticamente no Estado bandeirante, teve tambem sua commemoração na capital da Republica. O Centro Paulista realizou uma sessão solemne em que usaram da palavra varios oradores, destacando-se o academico Claudio de Souza, — que se vê na photographia acima lendo seu discurso, — e o deputado paulista Sr. Roberto Moreira. Essa festa teve grande concorrencia e o brilho das reuniões habituaes do Centro Paulista.

O DR. HEITOR BELTRÃO HOMENAGEADO PELA DIRECTORIA DA A. B. I. — A Directoria da A. B. I. reuniu-se a semana passada para prestar uma significativa homenagem ao seu primeiro vice-presidente, Dr. Heitor Beltrão, offerecendo-lhe um almoço na Confeitaria Colombo. O motivo da homenagem foi congratular-se com o brilhante companheiro pela destacada actuação, como jornalista, que tem tido no seu posto de vereador á Camara do Districto, sempre attento aos interesses publicos e incansavel na sua defesa, não desmentindo, como politico, o alto renome alcançado como jornalista, verdadeira sentinella avançada do bem da collectividade.

A CULTURA DA JUVENTUDE DAS ESCOLAS

Quando entravam no campo do America F. C. as alumnas que tomaram parte na demonstração de cultura physica, parte relevante do programma do VII Congresso Nacional de Educação.

Aspecto apanhado. no Campo do America F. C., durante as demonstrações de cultura physica pelos alumnos das Escolas Technicas Secundarias.

Aspecto da assistencia á interessante demonstração realizada no Campo do America F. C., sob a direcção do Departamento de Educação do Districto Federal.

Um flagrante das demonstrações de gymnastica effectuadas pelos alumnos das Escolas Technicas Secundarias do Districto Federal.

VIAJAR

Trago ainda bem gravado n'alma todo o encantamento e a belleza de minha viagem ao velho mundo. Velho Mundo! Nada disso. Um mundo novo, onde só encontrámos fontes magnificas de ensinamentos. Dentro d'elle as nossas almas se encrespam como que n'uma saudação respeitosa. Viajar! Quanta delicia encontramos n'uma viagem, seja qual fôr o meio de transporte. Os panoramas passam deante dos nossos olhos tal como se fôra uma fantasia de fadas; as nossas almas recebem o aroma sensual de outras creaturas; e a vida vae passando com os enfeites da natureza. Ulysses foi o grande viajante da época homerica, e Herodoto apparece como o primeiro typo conhecido do viajante. Muito conhecida é a historia das viagens dos phenicios em torno da Africa, por ordem de Néchas e a do cathaginez Hannon até um ponto já bastante avançado do littoral da Africa occidental. Mais terde vimos as viagens de Eurhymenes e de Pythéas de Marselha as de Alexandre o Grande e de Nearcho as quaes marcam o inicio da exploração scientifica. Portanto, desde a época hellenica todas as formas de viagem apparecem.

O tempo se encarrega de modificar, melhorando, progredindo, afinal, os meios de viagens. E me lembro da travessia atlantica da Europa ao Rio, n'um desses palacios maritimos que o genio humano offereceu aos povos. Mas ao par desse particular, sente-se, outro mais ainda: é a vida divertida, alegre, satisfeita que se vive no navio. Tem-se a impressão nitida de não existir nada mais no mundo.

Para os que já tiveram esse prazer, jamais o olvidarão e soffrem sempre o desejo de uma nova viagem. Nova gente. Novos pensamentos. Novos costumes. Tudo novo, para o corpo e para a alma. Naquelle redemoinho de mulheres venenosas, cada olhar é uma chamma vermelha. Os instantes parecem instantes do Paraiso. Vive-se outra existencia, e quando a viagem tem fim, fica-se com um mundo de recordações no espirito. Viajar! Doce encantamento. Um sonho. Um conto de fadas, dessas fadas que deixam dentro de nós a luz morna de um desejo...

E como a nos induzir para a vida, o photographo do "Augustus" fixou esses aspectos.

Martins da Fonseca.

OS NOVOS PERITOS-CONTADORES DA ESCOLA DE COMMERCIO

Damos nesta pagina alguns dos componentes da brilhante turma de peritos-contadores, diplomados pela Escola Superior de Commercio do Rio de Janeiro.

Praça Bolivar, em Caracas vendo-se ao centro o monumento ao Libertador

General Juan Vicente Gomez — presidente da Republica dos Estados Unidos da Venezuela.

O CENTENARIO DA INDEPENDENCIA DA VENEZUELA

Simão Bolivar, o Libertador, figura maxima da independencia da Venezuela.

Passou a 5 do corrente uma data altamente grata aos filhos da visinha patria venezuelana.

Nesse dia, em 1811, após uma lucta titanica, se proclamou a independencia daquelle pedaço de terra americana que é hoje a Republica dos Estados Unidos da Venezuela.

Foi essa data, de gloriosa lembrança para o povo amigo, que marcou o inicio da marcha para a libertação integral do dominio hespanhol, embora só mais tarde, graças a Simão Bolivar e ao seu exercito heroico essa independencia se tenha tornado effectiva.

A Venezuela é hoje uma florescente republica onde perdura, integral, aquelle acendrado amor á liberdade que fez de seus filhos, ha 124 annos, soldados destemerosos e heróes que as gerações actuaes veneram e reverenciam.

UMA FESTA SPORTIVA NO INSTITUTO LA-FAYETTE

Inaugurando o gymnasio do Instituto La-Fayette, disputaram uma animada partida de basket-ball um team de alumnas e um team de ex-alumnas sahindo estas vencedoras, pelo score de 39 x 17.

Outra prova de basket-ball movimentada e que despertou grande enthusiasmo: um team de alumnos do Collegio Baptista com outro do Instituto La-Fayette. Venceu o primeiro.

Guignol

VERSOS DE GALVÃO DE QUEIROZ

BONECOS DE THEO

J. M.

O João, mano do Octavio,
da terra do vatapá,
anda agora preoccupado...
Quer saber (que interessado
sobre esse assumpto elle está !!!)
si o lavrador brasileiro
ganha rios de dinheiro
ou si anda roxo e apertado
como vivemos por cá.

Porque... si a vida na roça
for vantajosa e folgada,
elle abandona essa jóça
de politica encrencada
e se transfere pra lá...

F. C.

Bacharel-general, o grande Flores
muito aprecia as flores... de rethorica
e os duellos... nas folhas dos jornaes.

Tem sido um "bamba" nesta phase his-
[torica
em que tudo se faz com falatorio
e em que o Brasil tem tantas mães e
[paes...

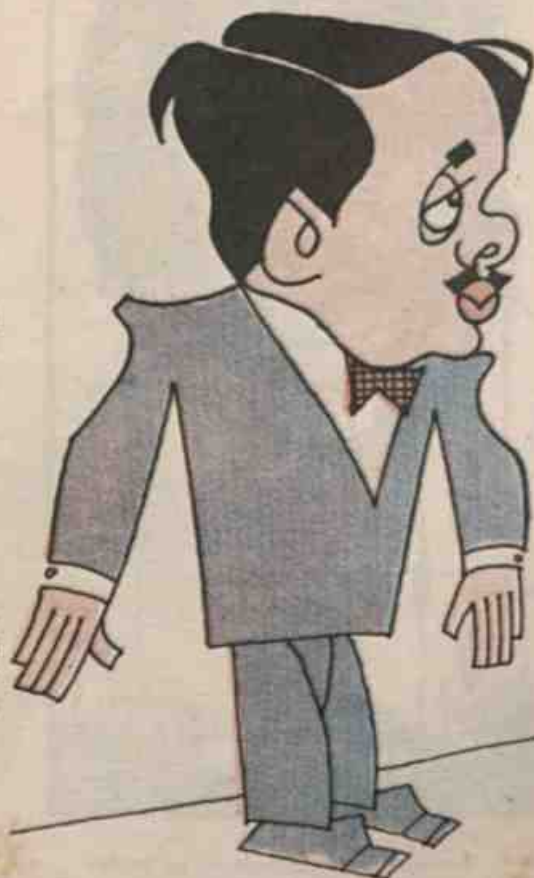
E foi quem descobriu que "provisorio"
significa: o que não finda mais..."

A. M. F.

Este é aquelle mineiro
que vae abocanhar, futuramente,
o tal premio da paz,
o premio que Nobel offereceu
para os "sheriffs" internacionaes.

Dizem que o premio é seu,
mas, sendo bom mineiro, elle é descon-
[fiado;
espera os cobres, sim, mas espera sen-
[tado,
e sua velha calma não perdeu...

E para garantir os dias do futuro,
foi tratar de negocios de Seguro,
que o seguro...
De velho é que morreu !

TRICENTENARIO DA EXECUÇÃO DE CALABAR

NO dia 22 do corrente, em 1635, em Porto Calvo, foi enforcado, esquartejado e a cabeça espetada em um poste, o famigerado mameluco Domingos Fernando Calabar "por trahidor e por muitos males, agravos, furtos e extorsões que havia feito".

Contemos, resumidamente os factos.

Estava Pernambuco em pleno dominio hollandez, quando corria o anno de 1630. Waerdenburch tendo desembarcado com cerca de 3 mil homens em Pau Amarello marcha sobre Olinda e toma conta da cidade, investindo em seguida contra Recife.

Estava ahi Mathias de Albuquerque, nomeado pelo governo para fiscalisar toda a costa brasileira do norte, que reunindo o povo conseguiu concentrar-se em Arraial do Bom Jesus, resistindo durante cinco annos á invasão dos hollandezes.

Em 1632 estavam os hollandezes já muito enfraquecidos em Olinda, quando Calabar, que era grande conhecedor das terras pernambucanas, passa-se para o lado delles, revela todos os segredos das forças pernambucanas, ensina-lhes os caminhos e indica-lhes os meios

Calabar visto por Cicero Valladares.

— . . . e a sua cabeça espetada em um poste.

como deviam se apoderar de Iguarassú, Itamaracá e outros pontos.

Enfraquecido e exausto Mathias de Albuquerque retira-se com sua gente para Alagoas. Ao passar por Porto Calvo, onde já se achava Calabar, — feito pelos hollandezes, sargento mór, — manda incendiar uma das casas fortes occupadas por elles. O incendio causa-lhes tão viva impressão que apenas amanheceu mandaram um parlamentar a Mathias de Albuquerque propondo-lhes a capitulação.

As condições apresentadas e acceitas, eram, que os hollandezes, sahiriam sem bandeiras, mas com as armas (os officiaes) e com o que os soldados podessem carregar nas mochilas, e que os mesmos seriam levados a Bahia para dali regressarem á sua patria.

Levaram muitas horas a discutir os diversos pontos do accordo, porque os hollandezes insistiam em não querer entregar Calabar, quando esse era o objecto principal da vontade de Mathias de Albuquerque.

Afinal, foi resolvido entregar o trahidor e os hollandezes se retiram. Eram poucos. Vinte e cinco officiaes, tresentos e sessenta e sete soldados armados, vinte e sete feridos e enfermos e oito mulheres. A gente de Mathias de Albuquerque não passava de 140 homens.

Seguro Calabar, insistiu Mathias de Albuquerque para que elle revelasse o nome das pessoas com quem se communicara quando se achava com os inimigos. Negou-se a fazel-o.

No dia 22 de Julho de 1635, foi elle enforcado, a sua cabeça espetada em um poste e os seus quartos expostos nos logares mais publicos.

Preparou-lhe para o derradeiro transe Frei Manoel Callado.

Segundo os historiadores hollandezes, Calabar era dotado de tanta força muscular que agarrava um boi pelas pontas, deitava-o no chão e comprimia-o, pondo-lhe o joelho em cima de modo a não o deixar fugir o menor movimento.

Tres dias depois de executado Calabar e de ter se retirado Mathias de Albuquerque, o general hollandez mandou enterral-o prestando-lhe as honras militares que lhe competiam.

O papel de Calabar em toda a luta com os hollandezes ainda está por estudar. Mesmo que elle tenha sido um trahidor, como parece, como seria diversa a sua figura se o triumpho coubesse aos hollandezes?

Certo, ninguem mais o veria como trahidor, mas, talvez, fosse considerado um heróe libertador e tivesse estatua em praça publica.

Que seria de Tiradentes se tivesse ganho a causa pela qual se bateu?

Não seria considerado, como foi, um reprobo, mas o campeão da liberdade de sua patria, como hoje já está sendo considerado.

E' que as revoluções trazem esses imprevistos. Quem ganha é um heróe, quem perde vae para a forca.

HERMETO LIMA

TORMENTA

Se meia hora antes, alguem tivesse encontrado aquelle homem triste, que caminhava vagarosamente, de busto pendido e com o olhar para o solo, não diria que fosse o mesmo.

Alegre e disposto antes, se transformara rapidamente, quando ao voltar do serviço, ancioso pelo conforto do lar, encontrara a sua esposa, a sua querida Martha, nos braços de outro homem.

A scena inesperada, chocara-o profundamente. Desconcertado sahira á rua e poz-se a caminhar sem prestar attenção nos transeuntes e indifferente ao buzinar nervoso dos automoveis.

Penetrou numa taverna suja, onde homens loquares e mulheres alegres, agitavam-se num ambiente impregnado de alcool, barulho e fumo.

Fez amizade com uma mulher de baixa classe e ficaram os dois, por muito tempo, bebendo como velhos camaradas.

Depois, quando se sentiu exhausto e começou a ver tudo girando em torno, convidou a companheira retirando-se.

E lá foram os dois, bem juntinhos, ziguezegueando e apoiando-se mutuamente...

E numa alcova tão pobre e immunda como a taverna, numa tosca cama de ferro, aquelles dois, dahi a momentos ressonavam.

***

Oscar, era esse o seu nome, abriu os olhos.

O sol devia estar alto. Pelas innumeros frestas da unica janella, penetravam raios luminosos, quaes fios de prata...

Ao seu lado ainda dormia a sua companheira da noite, descuidosamente. Ainda guardava uns traços de antiga belleza.

Teria sido talvez, mais bella do que a Martha...

E lembrou-se da esposa. Do encontro casual. Daquella noite. Da sua companheira de embriaguez...

Olhava para o forro ordinario e roto do quarto.

Seus olhos vermelhos percorreram-no todo e ao abaixarem-se detiveram-se num ponto...

Dentro de uma moldura barata, presa á parede, uma estampa de Christo se aquilibrava.

O Nazareno com olhar misericordioso e expressão meiga parecia observal-o.

E aquelle homem ficou inerte, fitando a figura e só deu accordo de si, quando a mulher do seu lado accordou.

Olhou para o companheiro:

— Oh! Pensei que estivesse dormindo só...

E fitando-o no rosto:

— Que tens? Estás chorando?

E bondosamente limpou-lhe duas lagrimas que lhe desciam pela face.

Uma mulher da rua, commum a todos, enxuga-lhe as lagrimas provocadas por uma mulher legalmente sua e que elle considerava a melhor deste mundo...

Vestiu-se as pressas e sahiu allucinado, com os olhos fascinantes de odio.

Vingança! Vingança!

Aquellas phrases continuas martelavam-lhe a ideia.

Vingança! Vingança!

E caminhava apressadamente.

De repente, daquelle embaralhado de ideias, acode-lhe á mente a lembrança de dois olhos ternos. Recorda-se do quadro descorado.

Parece-lhe ver Christo, que com voz pausada, aconselha:

"Quem com ferro fere, com ferro será ferido"...

Todo o seu odio reflue, augmentando a confusão do seu cerebro. Que deveria fazer?

— Aconselhae-me, Deus meu! — debatia-se elle.

Sensivelmente, approxima-se de casa.

Seu coração palpita com mais velocidade e mais violencia...

Treme.

Chega até á porta e nervosamente torce o trinco.

Penetra em casa, silenciosamente mas nervoso.

Uma voz feminina interrompe-o.

— Porque passou a noite fóra? Não dormiu, pois fiquei aprehensivo.

E a mulher familiarmente, chega-se a elle.

O seu intimo revolta-se.

Se não tivesse visto, não acreditaria. Quanta gentileza. Que hypocrita! — pensava elle.

Novamente, a voz de Martha fez-se ouvir:

— Justamente hontem, que meu irmão João veiu nos visitar é que você não appareceu a noite toda.

— Aquelle seu irmão, morador em Matto Grosso e de que V. sempre fala?

— Pois então?!

— Querida! Dê-me um abraço. Dormi fóra, porque hontem, ao chegar, vi você abraçando um extranho. Então, para não perder o sangue frio, sem que você percebesse, sahi para reflectir.

Traga-me chá e aspirina. Estou com horrivel dôr de cabeça.

LUIZ HORTA LISBÔA

Senhora

SENHORITA... — Sem duvida o tempo anda mudado.

Até o calendario desacertou com a marcação do inverno.

E não nos resta senão tratarmos de vestidos de meio termo: nem quentes, nem leves demais.

Quando o observatorio diz: nublado — não assegura baixa thermometrica.

E é por isso que devemos cogitar de blusas — hoje um dos principaes componentes do traje de rua, do costume "habillé" para de tarde, frequentemente talhada em luxuosos e scintillantes tecidos para uma saia de velludo ou de pelica de seda, para a hora do jantar.

As blusas modernas são especialmente lindas: quer simples, quer trabalhadas.

Ha preferencia marcante e marcada pelas de rendas, de bordadinhos, de bainhas abertas, de finas prégas, blusas de cambraia, de musselina de algodão ou de opála branca, servindo com qualquer saia de lã ou de lã e seda: "marron", preta, verde garrafa...

As blusas que aqui estão, de feitios varios, pódem ser talhadas em seda, cambraia, organdi.

Blusa listrada de verde e branco completará uma saia preta ou "marron", de velludo ou de crêpe de seda. As de mangas muito fôfas fazem-se no gracioso organdi bordado. O adorno de babadinhos de uma é substituido, na outra, pela cercadura de renda.

A blusa pastilhada está ainda e muito na ordem do dia. As blusas adornadas de "jabot" são encantadoras para "tailleurs".

• • •

Os vestidinhos de rua, simples com o "cachet de chic" determinado pelo talhe e por um "motivo" de guarnição, agradam sempre.

Temol-os, nesta secção, em tres figurinos.

A "telefonista" da extrema esquerda apresenta, com a saia do seu costume de crêpe de seda verde "jade", uma blusa de romano branco rosado. O segundo vestido, marinho, leva laçada de cordão de linho vermelho lacre. O terceiro, genero blusão, é de crêpe vermelho, laço de fustão branco no decote.

• • •

E os chapéos?

No momento são de varios modelos, constituindo classe de uniformização o "canotier" — elegante em todos os tempos.

Os chapéos de aba devem interessar-nos tanto quanto os demais. Apenas, quando não podemos apresentar uma carita bem repousada, o chapéo de frente batida, deixando-nos a fronte a descoberto, é-nos prohibido.

Mas que figure entre a nossa collecção de chapéos novos.

Porque é, para muitas, o que vae melhor — com excepção dos dias acima designados.

• • •

"Mire", velludo, feltro e palha, crêpe de seda — são materias que se destinam aos chapéos de agora.

Tambem se vêem de crêpe pastilhado, lembrando, assim, o cinto e a bolsa, ou a bolsa e as luvas que completam um vestido claro.

SORCIÈRE

"RENDA MILANEZA"

DE TUDO UM POUCO

Para você...

(Um trecho — Raul de Lellis)

Depois ella me levou a um canto, mostrou-me um taboleiro pequenino, onde se alinhavam figuras toscas de madeira, e disse-me:

— Escolhe, entre essas figuras, aquella que vae ser a finalidade da tua vida. Ali estão a Fortuna, a Gloria, a Celebridade, a Fama...

Eu olhei, estendi o braço e toquei uma figura esquecida, que jazia atirada a um canto, longe de todas as outras. A minha companheira sacudiu a cabeça, tristemente, e suspirou:

— Parece que escolheste mal, porque tocaste na Felicidade, a unica que não tem fórma, e cuja figura exterior ninguem conhece. Póde-se ver o dinheiro, porque elle sôa; conhece-se a Fortuna pelo cortejo que a cerca; é facil ver a Gloria, por causa dos applausos que a acompanham; mas ninguem jámais definiu a Felicidade, e por isso muitos têm passado por ella para só a reconhecer quando não podem mais alcançal-a. Em todo caso, ouve o conselho da Sabedoria: quando encontrares alguem que tudo te dê sem nada esperar de ti; alguem que te faça bem e que nada te peça; que por ti se desvele dando paz ao teu corpo e ao teu espirito sem pensar no seu sossego e no seu repouso, olha para dentro de ti, e se sentires que esse alguem faz falta á tua alma, fica certo de que elle é a Felicidade. Agarra-te a ella, ainda que isso te custe a vida, porque se a deixares passar jámais a encontrarás novamente em teu caminho...

CHIROMANCIA

AS LINHAS DA MÃO

Cada uma das mãos corresponde a um lado do cerebro — a direita ao hemispherio esquerdo, a esquerda ao hemispherio direito. Na palma da mão as linhas indicam a faculdade cerebral. São linhas profusas, innumeras, porém algumas mais expressivas que todas as demais, na mão vincada desde a influencia astral que presidiu ao nascimento.

As linhas da mão tambem correspondem ao rythmo physionomico, e se formam ao mesmo tempo que os traços. Assim, nas nossas mãos está o nosso destino.

Miss Janet Chandler — uma linda flôr de Los Angeles em moldura lyrial.

As linhas mysteriosas variam durante a existencia; enfraquecem durante uma molestia grave, desapparecendo ao passo que a agonia da morte principia.

As almas sensiveis têm as linhas da mão bem complicadas; as pessoas simples possuem linhas nitidas.

AS LINHAS PRINCIPAES

Possuimos quatro linhas principaes reveladoras da nossa existencia intima e do nosso futuro:

A linha da Vida.
A linha da Cabeça.
A linha do Coração.
A linha do Destino — tambem linha da Sorte.

Linhas secundarias — Ha tres (e uma particular ao Casamento):

A linha da Saude.
A linha do Sol.
A linha da Intuição.
A linha da União.

OS OUTROS SIGNAES

Além das linhas assignaladas ha outras de significação: A prancha da mão — entre a linha da Cabeça e a do Coração, espaço denominado Quadrangulo.

O Grande Triangulo.
O Pequeno Triangulo.
O Annel de Venus.

As marcas no pulso (linhas transversaes bem junto ao pulso, logo depois da palma da mão).

OS MONTES DA MÃO

Como as linhas, os Montes servem ao estudo da mão, e são formados pelas polpas dos dedos, da palma da mão em toda a volta, etc.

Os montes representam, segundo os chirologos, a força magnetica de cada individuo; são raizes da seiva que age. Mais os montes são salientes mais a pessoa mostrará energia, força vital e vontade propria.

Mão sem montes bem em evidencia indica falta de energia, de vontade, de força a predominancia de um Monte sobre os outros indica, desde logo, o que influe mais no individuo.

Para conhecer a mão convém estudar meticulosamente os Montes, analysando-os em confronto com as linhas.

(Continúa)

Cidade Maravilhosa

(Trechos do livro "Samba" — de Orestes Barbosa)

A variedade do Rio.
Cada dia temos um céo.
E' Londres.
E' Roma.

Da esquina da rua do Ouvidor á Galeria Cruzeiro vivem os grandes Boulevards de Porto Saint Martin a Magdalena.

Cáes do Porto é Liverpool.

Encontra-se Stokolmo na praça da Bandeira.

Sofia na Penha.

Moscou na rua Senador Euzebio.

E a rua da Alfandega é, incontestavelmente, Beyruth.

• • •

Os bairros falam.

O leitor já foi a São Christovão? Cada placa de rua é uma voz de commando!

E' um bairro militar.
Rua General Bruce.
Rua Marechal Argollo.
Rua Coronel Cabrita.

• • •

No norte, a lua é uma aureola de santa...

• • •

No Rio, a lua é uma hostia de vaga melancholia...

• • •

O carioca vê a lua mas não sente saudades...

Lembra-se apenas da saudade... Da saudade dos outros.

• • •

Uma lua mais evocadora do que saudosa

• • •

O carioca quer o mar espelhado artificialmente.

E a lua mais pallida como uma lembrança no alto, reflectindo menos na agua do que os combustores que orlam o caes.

Grace Moore, da Columbia Pictures, de viagem á Europa, tambem se occupa, a bordo, do seu canario predilecto.

Depois...

(Eulalio Motta)

E eu tinha vinte annos... e escrevia
Versos sentimentaes, redondilhas romanticas...

Que tempo feliz aquelle tempo! Todavia,
não achava feliz quando o vivia...

E' sempre assim a vida...
E' sempre assim... A Felicidade
vem até nós, vive comnosco... e depois,
sómente depois, é que sabemos
que ella veiu, que viveu comnosco... Depois...
sómente depois! quando a fitamos
com os olhos de neve da saudade!

Arranjo dos cabellos para noite de festa.

Actualidade — A silhueta para de noite.

Marion Donaghue, passou a ser Condessa de **Cassek** — e é o par de dansa que o Principe de Galles prefere.

Os longos cabellos de Anita Louise — outra das "stars" da First — são enrolados como se vê, e de maneira bem artistica.

Ann Dvorak, Dorothy Tree, Bette Davis — todas tres da First e trajadas pelo gosto de Orry Kelly —, apresentam, respectivamente: Casaco para o frio, de grossa lã preta, feltro preto, gravata de seda escoceza; "ensemble" de seda e lã marinho, cinto de pellica de igual côr, fivela dourada; costume para dia de sol, feito de lã e seda branco soprado de cinza, blusa de seda escoceza preta, branco, vermelho e azul medio.

COMO VESTEM

Merle Oberon, da United, faz questão de accentuar mais os seus traços á japoneza com a cabelleira alisada p'ra traz.

Claudette Colbert — da Paramount, num "ensemble" de lã "beige" claro, blusa de seda havana, gola do casaco de fina lontra.

AS ESTRELLAS DO CINEMA

PENTEADOS: Jean Muir, em cada "film" apresenta dois ou tres modelos de penteados. Eil-a aqui, os dourados cabellos em anneis bem justos á cabeça.

GUARNIÇÃO MODERNA

Golla de cambraia, bordada com viezes do mesmo panno, com bainha aberta, renda é a que melhor completa a blusa de um vestido escuro.

CALCINHAS — Crêpe de seda ou cambraia fina.

FILTROS QUE TRABALHAM DIA E NOITE

Si os rins não eliminam diariamente litro e meio de secreção, as 5 leguas de finissmos canaes filtradores se tornam obstruidas com venenos. O liquido urinario se torna escasso e ao passar provoca uma desagradavel sensação de ardencia.

Isso é simptoma perigoso e póde ser o começo de soffrimentos taes como dores nas costas ou na parte posterior da côxa, perda de animação e vitalidade, irregularidades urinarias, inchação nas mãos, pés ou sob os olhos, dores rheumaticas, tonteiras, perturbações visuaes, etc.

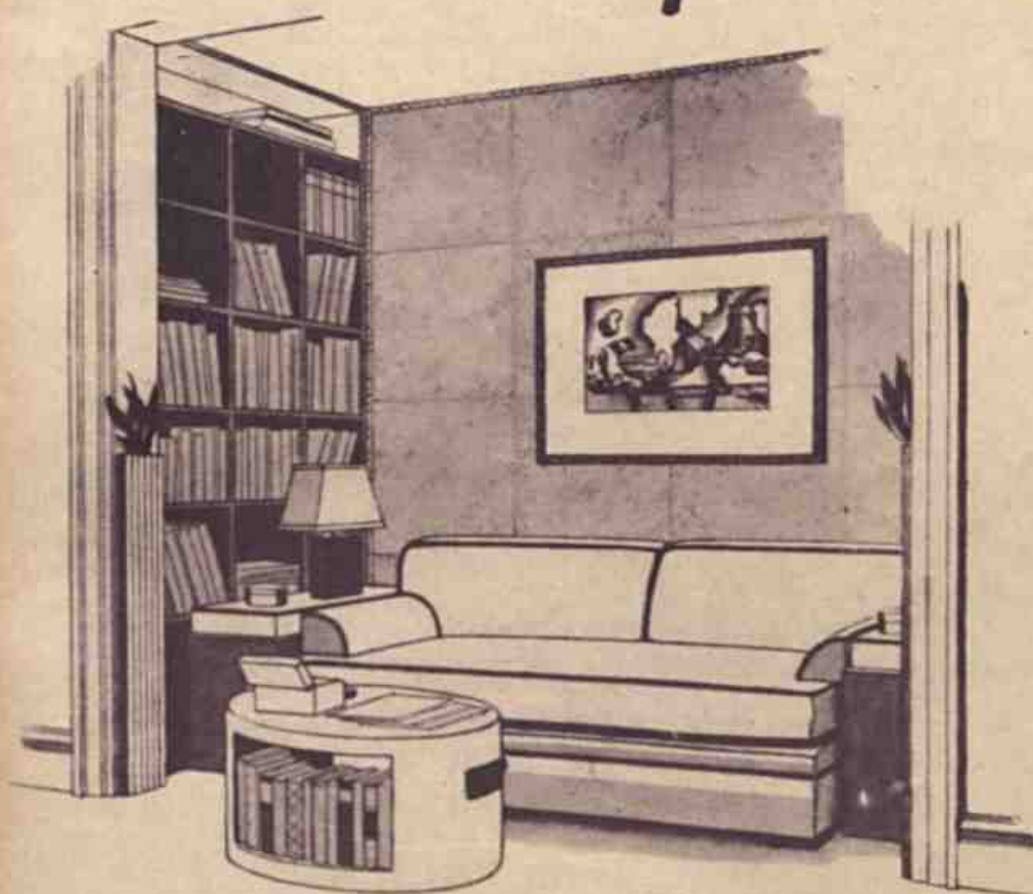
Muitas pessoas dão attenção aos seus oito metros de intestinos, mas negligenciam os 30 kms. de canaes dos rins. Se estes ficam obstruidos por detrictos venenosos, molestias graves podem occorrer, taes como perda de phosphato, de albumina, nefrites agudas, intoxicação uremica, calculos, mal de Bright, etc.

Faça com que seus rins expillam diariamente cerca de litro e meio de secrecção. Compre um vidro de Pilulas de Foster. Ha mais de 50 annos são ellas usadas com absoluto exito para limpar, desinflammar e activar os rins.

Decoração da Casa

Dois cantos do "living-room": o da dona da casa — que se applica, ainda nos tempos de hoje, num trabalho de "crochet", num bordado —, e o destinado á leitura.

O sofá forrado de "reps" — velludo" de tonalidade igual á do "laqué" da mesa-estante, é tão confortavel que póde virar cama de dormir, quando necessario.

O biombo forrado de velludo ou "taffetás" de colorido medio, adorna-se de gravuras multiplas, em cima, rematadas por um cadarso escuro, de seda (preto preferencialmente).

A MODA PARA GENTE MEUDA

Tres vestidinhos praticos, de elegancia especial: O 1º á esquerda é, pelo proprio feitio, destinado a dias frescos, sendo, por conseguinte, aconselhavel que se empregue lã e seda, lã fina, ou a leve flanella musselina, tão linda e tão moderna.

Todo num colorido só, apenas sobresahem os botões de vidro preto, desde que o tecido seja branco, rosa "géranium", vermelho ou verde.

O 2º é composto de vestido de seda e linho "beige", blusa marinho com pastilhas brancas.

O 3º, de velludo de algodão vermelho ou preto, leva golla de fustão branco, botões pretos, bainha com pequeninos botões pretos em original acabamento.

DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

O preparo do rosto e a maquillage

O preparo diario do rosto deve ser feito do modo mais cuidadoso possivel pois todos sabem que a pelle é séde de tão importantes funcções que a saude depende, em geral, da integridade do tegumento epidermico. E' innegavel que as pessôas que tratam scientificamente da cutis conservam até edade avançada um aspecto de mocidade deveras invejavel e, por essa razão iremos descrever, rapidamente, os conselhos basicos para o embellezamento do rosto:

1°) Ao levantar lavar a pelle com agua fria e um bom sabonete e enxugal-a com um panno fino.

2°) Ligeira applicação de um liquido ou creme de belleza, fazendo-se com o mesmo uma massagem de dois ou tres minutos.

3°) Passar um creme para adherir o pó de arroz da seguinte maneira: colloca-se uma pequena quantidade da massa na palma da mão esquerda e com as pontas dos dedos da outra mão faz-se uma especie de massagem circular, não muito forte. Depois passa-se o creme em todo o rosto sendo que o excesso, sobretudo quando depositado perto do nariz ou em volta dos olhos deve ser retirado por meio de um pedaço de papel de sêda. Na hypothese de não se ter o papel de sêda deve-se usar uma toalha de linho bem velha.

4°) A pelle estando assim preparada está apta então a receber a maquillage que deve ser constituida de pó de arroz, baton, rouge e cosmetico para os cilios, supercilios e palpebras.

5°) O pó de arroz deve ser collocado por meio de um arminho delicado ou com uma bola de algodão, sem esfregar, porém, a pelle. Quanto mais escuro fôr o pó de arroz melhor defenderá a pelle das radiações solares. O excesso de pó deverá ser retirado por meio de uma escova bem fina.

6°) As pessôas que usam rouge poderão dar côr ás faces e labios logo após a massagem.

7°) Os productos applicados ás palpebras podem ser passados com os dedos indicador ou annular.

8°) Para os cilios e supercilios usar côres bem negras.

São esses, em linhas geraes, os principaes cuidados para applicar a maquillage num rosto convenientemente preparado e que devem ser seguidos pelas nossas leitoras, pois só assim terão indicações apropriadas para um tratamento scientifico de belleza.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões do embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao **Dr. Pires** — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

HYGIENE DA BOCCA

Por maceração, durante oito dias, e consecutiva filtração, prepara-se facilmente o seguinte elixir: cravo da India 4 grammas, noz moscada 8 grammas, pyrethro 8 grammas, gaiaco 30 grammas, alcool a 36 gráus 200 grammas, essencia de bergamota 8 gottas, essencia de alecrim 20 gottas.

Usa-se uma colher (das de chá), num copo d'agua, em lavagens diarias da bocca.

A FADIGA PERTURBA A DIGESTÃO

Quando, por excesso de trabalho, passeios prolongados ou qualquer outro motivo, o organismo evidencia os effeitos da fadiga, não é logico, hoje, embora excellente appetite, offerecer ao estomago uma completa refeição.

E' preferivel tomar um copo de leite, sorvido lentamente, e descançar, durante um bom espaço de tempo, antes de ingerir mais vigorosos alimentos.

Um bello Hospital para o Rio

A Directoria Geral da Assistencia Municipal convidou os representantes da imprensa carioca para uma visita official ao "Hospital Jesus", antes da sua inauguração. Aqui damos dois aspectos dessa visita, durante a qual os jornalistas do Rio tomaram contacto com uma das grandes obras de assistencia que a Prefeitura vem realizando, com a collaboração intelligente do Dr. Gastão Guimarães.

Annuario das Senhoras

"Annuario das Senhoras", é uma publicação de luxo dedicada ao bello sexo e contendo uma linda collecção de contos, poesias, chronicas, artigos, curiosidades, e especialmente tudo o que interessa ao sexo feminino, desde as novidades sobre moda e elegancia até aos mais uteis ensinamentos sobre o lar.

E' um luxuoso volume repleto de lindas gravuras que farão o encanto de senhoras e senhoritas, nas suas horas de lazer.

Adquira hoje mesmo um exemplar do "Annuario das Senhoras", enviando-nos o coupon abaixo, com a quantia de 6$000 em dinheiro ou sellos do correio, em carta com valor declarado. A remessa lhe será feita pela volta do correio.

CAIXA POSTAL 880 — Rio — Remetto 6$000 para a compra do "Annuario das Senhoras".

Nome . . . .
Endereço . . . .
Cidade . . . .
Estado . . . .

AS DOCES VOZES DO ESPAÇO

Glorinha Caldas, a graciosa interprete do samba que a gente ouve deliciado, cada noite, quando synthonisa para a P. R. H. 8, Radio Ipanema, a mais nova, moderna e poderosa emissóra carioca. Glorinha tem mesmo um geitinho bonito de quem sente ao vivo os sambas que canta... Uma das mais recentes descobertas do broadcasting indigena, é do numero dos atractivos da poderosa P. R. H. 8.

JURITY

Cantora dos bosques silenciosos, eu amo a tristeza dos teus cantares, a doçura da tua voz.

Trazes em teus versos apaixonados, a placidez das noites sertanejas, dos campos distantes onde nasceste...

O teu cantar é terno na floresta adormecida, no remanço das pallidas madrugadas...

O teu cantar é triste ao cahir da tarde, no sertão bravio...

O' minha jurity, cantora dos verdes prados, a tua alma doce de poetiza, é o symbolo da m u l h e r do meu paiz...

A tua voz tem a magia e a seducção eterna, da mulher dos tropicos...

Cantas a tarde ao suspirar do dia, cantas á noite inteira, alegrando a solidão das serras alterosas e a alma indolente do caboclo...

A tua voz, commove o lobo indomavel nos pincaros das montanhas e ante a seducção dos teus poemas, a fresca aragem passa...

Egual a ti, ó meiga jurity, eu amo a mulher da minha patria...

Amo, a cabocla morena do nordeste, em cujo olhar, retrata-se a melancolia das macégas insondaveis...

Amo a do sul, a gaúcha destemida, filha dos bosques onde nasceste...

Como tu, ellas tambem cantam e tambem choram...

Canta no norte, a sertaneja timida, alegrando a alma do marido e embalando o somno da creança á rêde adormecida...

Canta no sul, a mulher voluvel, despertando o gaúcho lá nos plainos e l e v a n d o além dos pampas a voz da patria...

A sua voz é suave, como a tua, é suave como os teus versos...

Despertas como ella; com os teus cantares nos bosques a passarada...

E's alegria dos campos abandonados, nas frias tardes de Julho...

Canta, jurity, canta... O teu cantar é triste, mas eu amo a sua tristeza. A sua melacolia, traz-me á mente, os longinquos annos que se foram...

A casa singela onde nasci, o murmurio somnolento do riacho, onde a tarde de verão, os marrecos vinham banhar-se...

E por fim, a doçura dos olhos pensativos, da minha mãe já morta...

Canta, jurity, canta... Tu, és o symbolo da ternura immensa, tu és o symbolo da mulher que amei...

EUZEBIO DE ARAUJO

HUMORISMO ALHEIO

O PROFESSOR — *Dê um exemplo de substantivo abstracto.*

BITUCA — *O cabello do professor.*

O cosinheiro que tem mania pela musica...

(Desenho de Ol-Soro)

— Eu tenho lá em casa um Burro que adivinha a edade das Senhoras...
— Então não ha de ter muita graça o teu burro para as senhoras.
— Tem sim, elle só sabe contar até 20!...

Caixa d'O Malho

ADRIANO RIBEIRO DINIZ (São Paulo) — O artigo approvado sahirá. Não pode ser assim, de um momento para outro. Mas sahirá.

Sobre a dedicatoria: nós costumamos cortar esses appendices. Algum que escapa, é por descuido. E' melhor, pois, não pensar nisso. A respeito do livro, só vendo os originaes. Previno-lhe, porém, que não sou nada complacente com os originaes de livros. Minha franqueza não lhe ha de agradar.

MIGUEZ (Rio) — Sua anecdota não tem graça. Demais, "O Malho" é uma revista catholica. Quanto aos pensamentos, muito bons para albuns de costureirinhas romanticas. Se os contos historicos forem da mesma qualidade, é melhor que os não mande.

SILVA REVIAX (São Paulo) — Perca o veso de escrever difficil, que poesia não é rima de vocabulos arrevesados nem autorisa a formação de meologismos dispensaveis. Soccorra-se de elementos mais simples que não lhe será difficil vencer...

JULIO DE G. (Bello Horisonte) — O desenlace do conto está muito lento. Quem descreve tragedias, deseja impressionar o leitor. E para impressionar, é preciso accumular os elementos dramaticos como quem prepara uma carga de dynamite. O conto, como se acha, pode ser publicado, amputando-se-lhe as duas ultimas linhas que me parecem enxertadas á força.

Mas se V. pretende aperfeiçoal-o, precisa resumir a loucura do protagonista. Responda se quer que o publique assim mesmo.

GUSTAVO ITA (Rio) — Seu artigo chegou tarde para a época em que deveria sahir. Apesar disso, não perdeu todo o interesse. Tenho, porém, que fazer-lhe alguns retoques, pois seu portuguez é um tanto desleixado.

CHAVIGNY (Rio) — Se V. se tem dado ao trabalho de ler as respostas desta Caixa, deve saber que, devido ao accumulo de collaborações em poesia, eu me vejo na obrigação de acceitar sómente trabalhos de real merecimento. Seu pequeno poema seria passavel em época menos apertada, não obstante alguns versos frouxos. Mas agora é-me impossivel guardal-o. A modificação suggerida na carta é cabivel. A penultima quadra é a peor.

PAULEX VILMON (?) — Sua chronica humoristica pode ser publicada. E' provavel que demore um pouco porque o accumulo de materia, etc. V. sabe, não? Pode escrever a machina ou a penna: não tem importancia. Mas poupe as costas do papel.

JOÃO ESTEVES (Ubá) — Estamos sendo victimas de um tremendo azar. O meu collega M. C. a quem confiei a sua collaboração para aquelle jornal de que lhe falei, me promette a publicação da mesma para todos os domingos, e até agora, nada. Tenho que bater a outra porta, visto como o matutino em apreço está dando um supplemento dominical sem literatura. Quanto á chronica daqui, vou dar uma *chegada*, hoje, no secretario.

RONASSA OVIDIO (Rio) — Não me esqueci de Você. Creia que me interesso, sinceramente, pelo seu desenvolvimento intellectual, porque sinto estremecer nos seus escriptos um talento que não é commum, algo feito de muita fantasia, de revolta e de amargura. Falta-lhe, apenas, pôr ordem nesse cháos. O artigo que tenho debaixo dos olhos está dentro desse molde. Um turbilhão. O abuso de vocabulos raros dá-lhe um tom pedante. Os saltos da imaginação chocam o leitor. Ronassa Ovidio, domine os seus nervos, ponha um freio na sua imaginação, de maneira que V. possa guial-a. E não pese a minha sympathia pelo numero de collaborações que eu publico.

ALMIR DE CASTRO (Parahybuna) — Transmittirei ao secretario da revista o seu pedido. Veremos o que elle pode fazer por Você.

JONAS CANAAN (?) — Lamento que V. tenha de desistir por isso. Se bem não seja um fracasso, sua segunda tentativa literaria não está em condições de ser publicada.

BENTO P. DA COSTA (Rio) — Estou certo de que os seus versos já foram regeitados, uma vez. Pelo menos o soneto "Chryseo" já foi por mim lido e enviado para a cesta. Não tenho certeza quanto aos outros. De qualquer forma, sinto dizer-lhe que, devido ao excesso de poesias já approvadas, só se abre a porta aqui para trabalhos muito bons.

JOSUÉ BASTOS (Penedo) — Sua collaboração chegou muito atrazada. Mas está bôa. Acha que vale a pena esperar o São João do anno que vem?

VALENÇA LEAL (Quipapá) — O conto está bom, sim. O que eu não sei, é se não terá passado da medida, apesar dos seus cuidados para não estendel-o demasiadamente. Vamos ver o que dirá o secretario.

Dr. Cabuhy Pitanga Neto

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DA 64.ª CARTA ENIGMATICA

CAPITAL

Newton França — Rua Tte. Costa, 165 — Meyer.
Maria Paula — Rua Felix da Cunha, 34 — Tijuca.
Pepita Ribeiro — Rua Joaquim Nabuco, 244.

S. PAULO

Else S. Silva — Av. João Guilhermino, 54 — S. José dos Campos.
Edson Castellare — Rua Coriolano, 156 — Capital.

PARANA'

Clélia — Av. Siqueira Campos, 1.147 — Capital.

PARAHYBA

Anna de Moura Henriques Rua Cardoso Vieira, n.º 106 — Capital.

MINAS GERAES

Maria Lucia da Matta Machado — Cataguazes.

ESPIRITO SANTO

Diva Rosa de Andrade — C. Postal, 241 — Victoria.

MATTO GROSSO

Thalita Fialho — Rua Aquino — Campo Grande.

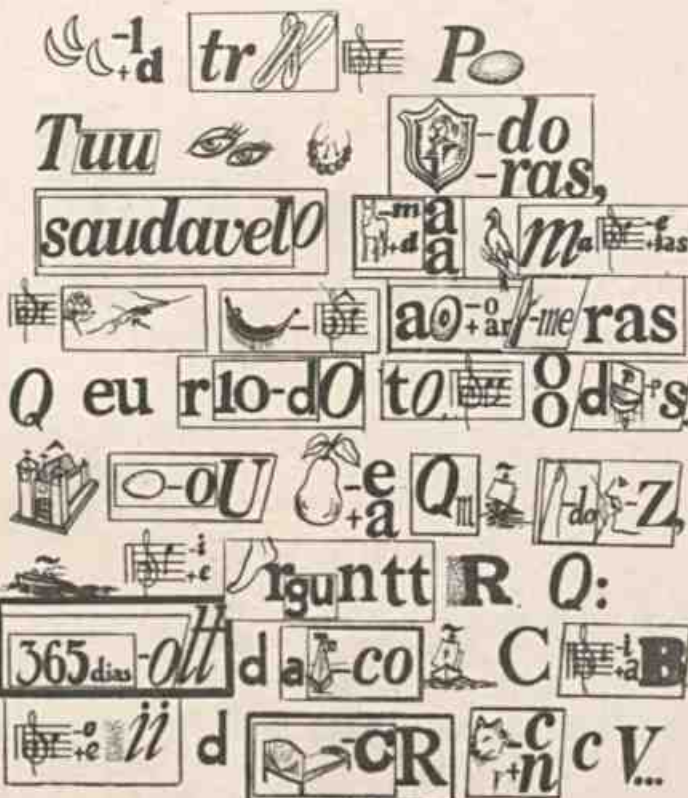
SOLUÇÃO EXACTA DA CARTA ENIGMATICA N. 64

PARA RIR

No restaurante, um freguez chama o garçon, e diz:
— Como é que encontrei um pedaço de borracha na salchicha?
E o garçon com toda a fleugma:
— Isto prova que o auto começa a substituir o cavallo um pouco em toda a parte.

A ORIGINAL SOLUÇÃO DE UM DOS NOSSOS PROBLEMAS

Um dos nossos amaveis leitores, que se assigna apenas *Gilberto*, enviou como solução ao problema n.º 64, "Carta Enigmatica", a interessante composição que reproduzimos abaixo, que revela não só o seu gosto pelo assumpto como o interesse que os nossos concursos logram despertar entre os leitores do "O MALHO"

CARTA ENIGMATICA

São condições para concorrer aos nossos torneios:

Enviar as soluções á nossa Redacção, á Travessa do Ouvidor, 34, cada uma separadamente em uma folha de papel; collar, ao lado, o coupon numerado correspondente, que apparece na pagina, abaixo do problema ou da carta enigmatica; escrever sempre á machina ou a tinta, legivelmente, o nome e o endereço do concorrente.

Os premios são enviados pelo Correio, pela Gerencia. Para o problema de hoje, os premios serão distribuidos, por sorteio. As soluções deverão chegar ás nossas mãos até o dia 17 de Agosto e a solução exacta será publicada no O MALHO do dia 29 do mesmo mez.

CARTA ENIGMATICA

Coupon n. 67

Nome ou pseudonymo .. ..

Residencia .. ..

CROMO

Manhã . . . Em nossa casinha
Tudo tem animação:
Costura atenta a mãesinha,
E Adriana, uma pretinha,
Cantando, abana o fogão.

Pipia no galinheiro
Uma franga em aflição . . .
Corre o Paulinho ligeiro . . .
E, em breve é um desespero
De azas em agitação.

Achando nisto um regalo,
Diz a pretinha num estalo:
"Mais que menino terrô:
Dêxe esta franga seu Palo:
A bichinha tá p'ra pô!"

LUIZ OLIVEIRA

COMPREM JA! COMPREM POR 1$500!

A' venda nas bancas de jornaes ou na TRAVESSA DO OUVIDOR, 34-Rio

—

A mais bella collecção de aventuras de

MICKEY MOUSE

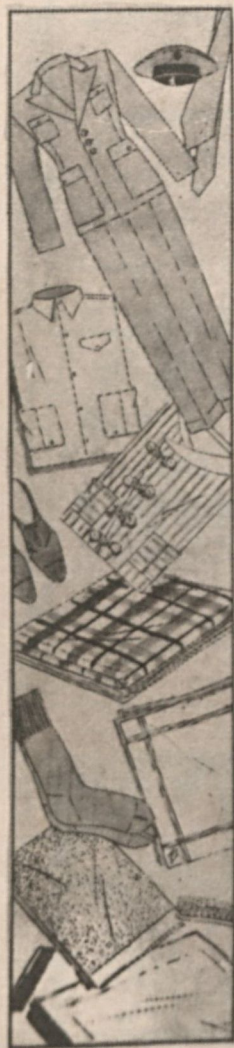
GRANDE CONCURSO BRASIL D'O TICO-TICO

Mais de 50 Contos de Réis em premios

Entre os innumeros premios que serão distribuidos por sorteio no **Grande Concurso Brasil**, que está sendo publicado pelo O TICO-TICO e officialisado pelos Departamentos de Instrucção Publica desta Capital e dos Estados, destaca-se o seguinte:

COMPLEMENTO AO 1.º PREMIO
Valôr 2:000$000
Premio FARINHA VITAMINA ELEBECÊ

Ao sorteado com o 1.º Premio, menino ou menina, caberá tambem O ENXOVAL COMPLETO PARA O COLLEGIO no valôr de **dois contos de réis.** Este premio é offerecido pelo Laboratorio de Biologia Clinica Ltda., fabricantes da Farinha Vitamina Elebecê, producto alimentar, polyvitaminado, indicado em todos os casos que necessitem de alimentação rica em producção de caloria, em saes mineraes e sobretudo abundante em vitaminas

ALIMENTAÇAO INFANTIL POR EXCELLENCIA

LEITURA INTERESSANTE

CARLOS CHAMBELLAND

"SÃO SEBASTIÃO DO PARAISO — REVISTA ILLUSTRADA"

Acaba de apparecer essa bem feita publicação, que obedece á orientação geral do jornalista mineiro João Borges de Moura, nosso confrade do "Libello do Povo".

Trata-se de um volumoso repertorio de bellas producções literarias e vasta reportagem photographica referente a coisas e personalidades da florescente cidade mineira de S. Sebastião do Paraiso.

A collaboração de intellectuaes é variada e interessante, e feitura da revista é a melhor possivel e obedece a um lucido criterio seleccionador que póde servir de modelo a outras congeneres.

Impressa a varias côres, tem a "Revista Illustrada" como illustração da capa a formosa matriz da cidade, dedicada ao padroeiro local o martyr S. Sebastião.

EDIÇÕES DA SOCIEDADE ANONYMA „O MALHO“

A MAIOR EMPRESA EDITORA DO BRASIL

DIRECÇÃO e ESCRIPTORIO
TRAVESSA DO OUVIDOR, 34

REDACÇÃO E OFFICINAS
RUA VISCONDE DE ITAUNA, 419

RIO DE JANEIRO